



# Gazeta Valeparaibana



## A exigência da vacina e o risco da deslembração

Contra os escroques, a saída possível é a imunização. Mas ela não nos protegerá de um sistema que devastou os serviços públicos, aprofundou o abismo das desigualdades e escancarou o divórcio com a natureza. Será preciso ir muito além...

**Página 6**

## Editorial O que te move?

Eu às vezes me pego pensando em tantas coisas sem sentido, em tantas coisas com sentido. E nesse pensar existe um esforço enorme em tentar entender o que acontece, o que nos move o que nos aflige, o que causa dor e alegria. O que te faz sair do lugar?

**Mariene Hildebrando**

**Página 2**



## Povos originários e a colonialidade acadêmica

Descoberta de conjunto monumental de arte indígena na Amazônia, com pinturas de 20 mil anos, revela quanto é preciso descobrir da riquíssima história pré-colonial da América — e como o eurocentrismo cega a ciência para isso...

**Página 5**



**Parabéns a todos (as)!**

## Dia do Repórter

**Dia 16 de fevereiro** comemora-se o “Dia do Repórter”, um profissional responsável pelas investigações, gravações, fotos e entrevistas para prestar informações de interesse público, muitas vezes colocando sua vida e reputação em risco ao investigar temas problemáticos.

**Genha Auga**

**Página 4**

## Carta aos meus futuros netos: O que eu aprendi durante a grande pandemia de 2020



Queridos futuros netos,. Espero que esta missiva lhes encontre em ótima saúde e pleno desfrute de seus amores...

**Página 6**

“Tudo que o homem não conhece não existe para ele. Por isso o mundo tem, para cada um, o tamanho que abrange o seu conhecimento”.

*Carlos Bernardo G. Pecotche*

“O espectro político esquerda-direita é criação nossa. Na verdade, reflete cuidadosamente nossa polarização artificial minuciosa da sociedade, dividida em questões menores que impedem que se perceba nosso poder”

*A tecnocracia oculta do Poder*

## TAMBÉM NESTA EDIÇÃO

## O homem da curva da servidão

Nunca soube seu nome, idade ou origens, mas é curioso que tenha sido dele quem primeiro senti falta quando a peste chegou à Ilha e as pessoas foram sumindo das ruas. Isto, claro, lá no começo, porque logo tornaram os viventes à estrada, exceto ele, a quem todos julgavam por doido.

\*\*\*\*\*

## A hora do Grande Reset

Nem a Ciência pode nos salvar da barbárie ultraliberal. Sobreviver como espécie exigirá uma “reencarnação coletiva” no mundo pós-pandemia: novas formas de viver, pensar e organizar a Economia. É isso, ou nostalgia masoquista

**E muito mais...**

**Confira!**

## EDITORIAL

## O que te move?

Eu às vezes me pego pensando em tantas coisas sem sentido, em tantas coisas com sentido. E nesse pensar existe um esforço enorme em tentar entender o que acontece, o que nos move o que nos aflige, o que causa dor e alegria. O que te faz sair do lugar? Objetivos, vontades, metas. Aquilo em que colocamos nosso entusiasmo, nosso empenho. São os nossos sonhos, nossos investimentos pessoais. Podemos sonhar sozinhos e podemos sonhar juntos. Quando alcançamos o objetivo, logo partimos para outro, incansáveis que somos em permanecer nessa busca. Para a maioria de nós isso nos faz sentir vivos, e cada conquista dá sentido a nossa existência.

Saímos do lugar e seguimos avançando inspirados por novos ideais, novas metas que vão nos dar a coragem de realizar algo. Objetivos alcançados, novos projetos irão surgir. Mas nem sempre estamos tão inspirados, às vezes estagnamos por medo, por falta de objetivos, insegurança, ou porque chegamos a uma encruzilhada e precisamos dar um tempo para perceber qual será o próximo passo. E não tem nada de errado em parar para perceber o que queremos, para onde vamos. Só causará preocupação se essa falta de entusiasmo e de objetivos estiver ligada a uma falta de vontade de tudo. A vontade de ficar apenas na sua concha, sem querer se mexer e sair do lugar indefinidamente. Todos nós passamos por alguns períodos assim, mas quando isso se torna o normal, temos que desconfiar que algo não vai bem. Cada pessoa tem o seu ritmo para realizar seus objetivos. Estamos realmente fazendo o que queremos, indo atrás de nossos sonhos, ou, estamos seguindo com a maré?

Se nada me anima e me faz querer seguir adiante, isso é um alerta. Algumas situações nos deixam desmotivados, não saíram como esperávamos, o resultado foi desastroso, nos decepcionamos com pessoas e situações, mas isso é um sentimento passageiro. Quando ele se perpetua, torna-se perigoso, pois pode nos levar a um estado de depressão. A maioria de nós não se pergunta muito porque faz certas coisas, ou toma determinadas atitudes. Mesmo inconscientemente cada ato nosso trás consigo algo que nos moveu a concretizá-lo, e que faz sentido para nós. Se tenho um propósito na vida, fica mais fácil alinhar as minhas ações para chegar onde quero. Autoconhecimento é importante nesse processo. Abastecermos-nos emocionalmente, fisicamente, mentalmente e espiritualmente, é essencial quando temos uma finalidade que queremos alcançar. Isso vai mexer com a gente, normalmente gerando boas energias que vão agregar ao nosso crescimento bons sentimentos, levando-nos mais para perto do nosso objetivo. Podemos ter como meta nos afastarmos de algumas pessoas, tirarmos da nossa vida pessoas sugadoras, que não acrescentam e que travam a nossa caminhada. Entre os nossos objetivos pode estar à família, os amigos, a profissão, os estudos, todos juntos ou não. Nesse processo não posso desconsiderar o outro, mesmo aqueles que entendo que não podem mais fazer parte da minha existência, até a estes eu devo respeito. O meu caminho vai ficar mais fácil se eu conseguir fazer o que tenho que fazer sem pisar no outro.

Como encontrar o meu Ikigai? (conceito japonês = razão de ser, aquilo que me faz acordar todos os dias e querer começar um novo dia). Observando, traçando metas. Posso ter um objetivo grande, mas para chegar a ele, começo com metas pequenas que vão me levar ao propósito maior. Mas não devo me angustiar por não saber o que quero para a minha vida. Isso pode demorar um tempo, mas tem uma hora que acontece, e tu começa a planejar, a traçar metas, e, quando percebe aquilo está acontecendo. O planejamento pode ser a longo prazo, pode ser para um prazo mais curto, tanto faz. Ele vai te dar o impulso que tu precisa pra seguir adiante, a motivação que faltava, o sentido para a tua existência. Quando estamos em sintonia e afinados com nossos desejos e nossa emoção, a vida transcorre mais tranquila, estamos motivados e dando o melhor de nós para que as coisas aconteçam da melhor forma, o que nos torna mais proativos, inventivos, produtivos.

Precisamos descobrir o que nos motiva, o que nos interessa o que nos faz bem, no que eu sou bom, com o que posso ganhar dinheiro, ou me sentir feliz, satisfeito, reconhecido. Tão boa à sensação de saber por que acordei pela manhã e ir dormir satisfeita por que estou fazendo algo que me motiva e que me deixa realizada, como profissional, como ser humano. Que venham novos objetivos e novos desafios. E você sabe o que te move?

**Mariene Hildebrando**

## O que é Ikigai?

"Ikigai é a sua razão de viver", diz o neurocientista japonês. "É o motivo que faz você acordar todos os dias." O conceito vem de Okinawa, um grupo de ilhas ao sul do Japão com uma população de moradores centenários bem acima da expectativa de vida média, mesmo para os padrões japoneses.

## Frases Soltas

## Frases célebres de Gabriel Garcia Márquez

Lembre-se sempre de que o mais importante de um casal não é a felicidade e sim a estabilidade. (O amor em tempos de cólera).

O segredo de uma boa velhice não é outra coisa a não ser um pacto honrado com a solidão.

Nenhuma pessoa merece as suas lágrimas, e quem as merecer não o fará chorar.

Me confunde pensar que Deus existe, e também que não existe.

O amor se faz maior e mais nobre na desgraça.

Não, não desejo o sucesso para ninguém. Acontece com a gente o que acontece com os alpinistas, que se matam por chegar ao cume e quando chegam, o que fazem? Descer, ou tentar descer discretamente, com a maior dignidade possível.

A memória do coração elimina as lembranças ruins e magnífica as boas, e graças a esse artifício, conseguimos suportar o passado

Quando um recém nascido aperta com seu pequeno punho, pela primeira vez, o dedo do seu pai, este fica preso para sempre.

A vida não é o que a gente viveu, e sim o que se lembra e como se lembra para contá-lo.

Um homem só tem o direito de olhar a outro para baixo quando for para ajudá-lo a se levantar.

Nunca deixe de sorrir, nem mesmo quando estiver triste, porque nunca se sabe quem pode se apaixonar pelo seu sorriso.

## Colaboraram nesta edição

## Colaboradores Fixos:

Mariene Hildebrando  
Genha Auga  
Loryel Rocha  
Filipe de Sousa

## Colaboradores eventuais:

Viegas Fernandes da Costa  
Verioni Ribeiro Bastos  
Antoni Aguiló  
George Monbiot  
Oxfam Brasil  
Cristine Gorski Severo  
Miguel Nicolelis  
Marcos Vinicius de Freitas Reis  
Antônio Bráulio de Carvalho  
Manuel Castells  
Michel Bauwesn  
Antonio Lafuente  
Marcelo Saturnino da Silva

## Fontes:

Callendar

## IMPORTANTE

Todas as matérias, reportagens, fotos e demais conteúdos são de inteira responsabilidade dos colaboradores que assinam as matérias, podendo seus conteúdos não corresponderem à opinião deste Jornal.

A Gazeta Valeparaibana é um jornal mensal gratuito distribuído mensalmente em PDF para leitura e download

Diretor, Editor e Jornalista responsável  
Filipe de Sousa - FENAI 1142/09-J

**CRÔNICA DO MÊS**



# O homem da curva da servidão

Nunca soube seu nome, idade ou origens, mas é curioso que tenha sido dele

quem primeiro senti falta quando a peste chegou à Ilha e as pessoas foram sumindo das ruas. Isto, claro, lá no começo, porque logo tornaram os viventes à estrada, exceto ele, a quem todos julgavam por doido.

Sua presença na Servidão Corinthians era diária, com exceção dos domingos, dia de descanso. Subia e descia a ladeira revolvendo as lixeiras e recolhendo latas de alumínio durante a manhã, e ao final da tarde se postava na curva diante do mercadinho local vestindo calção, meias de futebol, a camisa jogada sobre os ombros, uma sacola de plástico na mão direita e uma latinha de cerveja na esquerda. Embriagado ou lúcido, fronteiras que nunca estavam claras, invariavelmente discursava como quem estava sempre ensinando algo para alguma plateia. Daí, talvez, a razão das pessoas afirmarem que fora professor da universidade. A universidade distante apenas um quarteirão desta curva de servidão. "Podes perguntar a capital de qualquer país, e ele te responde", diziam sempre. Nunca tirei a prova, e me arrependo de não ter parado para perguntar Bangladesh? ou Palau?, e assim entabular conversa e saber se no seu repertório já estavam incorporados o Sudão do Sul ou o Saara Ocidental.

Uma vez por mês surgia barbeado, rejuvenescido, o cabelo penteado. Inaugurava o mês de cara limpa. Passava por ele sempre apressado, geralmente de automóvel, vez ou outra nos encontrávamos quando eu caminhava até o mercado para comprar o pão do café da manhã ou o sorvete nos dias de verão. Havia o cumprimento rápido e respeitoso, mas era só. Ainda que me coçasse a vontade de saber mais, a curiosidade que sua presença me instigava era mais saborosa que as respostas.

Com a chegada da peste, ele sumiu. Teria sido o primeiro a adoecer? Entrado para as terríveis estatísticas? Estaria na lista dos inumeráveis? Foram se passando semanas, o mês, a curva da servidão vazia e silenciosa. Angustiado, consultei o Google Maps, e ao aproximar a imagem do satélite, encontrei sua presença. Só alguém muito importante se incorpora à paisagem de um lugar, e ele estava lá, como o monumento que é, na fotografia capturada desde o espaço. Por um momento cheguei a pensar que a vida voltara ao normal, sem peste e máscaras. Que ouviria alguém mexendo na lixeira à procura de latinhas de alumínio. Esperançoso, fui até a curva da servidão para encontrá-lo, mas a calçada estava vazia.

Ele, cujo nome desconheço, faz muita falta! Sua loucura cotidiana temperava de sanidade este pedacinho da Ilha. Perguntei para a balconista do mercadinho se sabia de algo, e ela me respondeu que sim, estava bem, mas em casa, cuidando-se. Preservava-se para retornar vivo, pensei; afinal, não era doido. Feliz, prometi para mim mesmo que tão logo a peste termine e ele volte, conversaremos, farei minhas perguntas e ouvirei Daca, Ngerulmud, Juba e El Aiune.

E sentaremos no meio fio para bebermos uma cerveja no final da tarde.

**Viegas Fernandes da Costa**

Fevereiro							16 - CARNAVAL
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	
	1	2	3	4	5	6	
7	8	9	10	11	12	13	
14	15	16	17	18	19	20	
21	22	23	24	25	26	27	
28							

**ALGUMAS DATAS COMEMORATIVAS**

- 10 - Dia Mundial das Leguminosas
- 11 - Dia Intern. das Mulheres e Meninas na Ciência
- 12 - Ano-Novo Chinês
- 13 - Dia Mundial do Rádio
- 14 - Dia de São Valentim
- 14 - Dia Mundial do Amor
- 16 - Carnaval
- 16 - Dia do Repórter
- 20 - Dia Mundial da Justiça Social
- 20 - Dia Nacional de Combate Drogas e Alcoolismo
- 21 - Dia Internacional da Língua Materna
- 24 - Promulgação da 1ªConstituição Republicana
- 24 - Dia da Conquista do Voto Feminino no Brasil
- 25 - Dia da Criação do Ministério Comunicações
- 27 - Dia do Livro Didático

**Veja todas as datas comemorativas do mês na nossa [BIBLIOTECA!](#)**

Disponível no site

[www.gazetavaleparaibana.com](http://www.gazetavaleparaibana.com)

## FRASES E Pensamentos

Hilda Roxo: "Quanto mais inútil o homem se sente, mais proclama a virilidade".

\*\*\*

Trotsky: "Os homens não têm muito respeito pelos outros porque têm pouco até por si próprios".

\*\*\*

Marques Rebelo: "Os pássaros nascem para voar, o homem para trair".

José Martí: "Quem não se sentir ofendido com a ofensa feita a outros homens, quem não sentir na face a queimadura da bofetada dada noutra face, seja qual for a sua cor, não é digno de ser homem".

\*\*\*

José Martí, de novo: "O homem que honra a si mesmo é capaz de ver as virtudes de outro homem".

### 13 - Dia Mundial do Rádio



A data tem o objetivo de conscientizar os grandes grupos radiofônicos e as rádios comunitárias da importância do acesso à informação, da liberdade de gênero e expressão dentro deste setor da comunicação.

Entre os meios de comunicação tecnológicos que existem na atualidade, o rádio continua a ser o que atinge as maiores audiências, conti-

nuando a adaptar-se às novas tecnologias e aos novos equipamentos. O rádio funciona seja como uma ferramenta de apoio ao debate e comunicação, na promoção cultural ou em casos de emergência social.

A rádio esteve presente acompanhando os principais acontecimentos históricos mundiais e hoje continua a ser um meio de comunicação fundamental.

**Origem do Dia Mundial do Rádio**

O Dia Mundial do Rádio é comemorado em 13 de Fevereiro em homenagem à primeira emissão de um programa da United Nations Radio (Rádio das Nações Unidas), em 1946. A transmissão do programa foi em simultâneo para um grupo de seis países.

A data foi criada e oficializada em 2011, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). O primeiro Dia Mundial do Rádio foi celebrado apenas em 2012.

A Cultura forma sábios a educação forma homens.



Dia 16 de Fevereiro

## Dia do Repórter

Dia 16 de fevereiro comemora-se o “Dia do Repórter”, um profissional responsável pelas investigações, gravações, fotos e entrevistas para prestar informações de interesse público, muitas vezes colocando sua vida e reputação em risco ao investigar temas problemáticos.

Dentro do jornalismo, aquele que tem boa narração, desenvoltura, bom senso, habilidade de prender a atenção, sem influenciar com opinião pessoal, quem o recebe dentro do veículo de comunicação o considerado um bom repórter.

Ele é o ouvido, olhos e boca de uma redação, é a verdadeira testemunha ocular da história a ser contada.

Todo repórter é jornalista, mas, nem todo jornalista é repórter ele geralmente cobre uma pauta definida pelo seu chefe, o editor. Trabalha com mailing – lista de contatos contendo nomes, endereços, e-mails, número de telefones e outros dados de pessoas físicas ou jurídicas de pessoas relevantes para suas matérias.

Tem total liberdade de imprensa (geralmente na forma de notícia), através dos veículos de comunicação em massa e sem interferência do Estado o que, ao contrário, chamamos de repressão e censura.

Um dos grandes desafios do repórter é combater a censura, perseguição política, policial e de criminosos sendo que no Brasil há um grande número de jornalistas mortos, o que enaltece a importância dessa profissão que se arrisca para buscar a informação.

Para quem deseja seguir a carreira, saiba que desde 2009 não é mais preciso ter formação superior no país, pois o Supremo Tribunal Federal derrubou a necessidade de formação para trabalhar na área, no entanto, é recomendável principalmente, para quem procura espaço no mercado de trabalho e nas empresas mais procuradas nesse ramo.

Na década de 1430 – século XV - Johann Gutenberg mudou a história da leitura e circulação de ideias em escala mundial com a invenção da prensa (máquina onde se imprime, faz-se a tipografia) e que no século XVIII foi adaptada para produzir jornais, revistas e demais publicações jornalísticas.

A invenção foi fundamental para a criação dos jornais modernos e, conseqüentemente, o surgimento dos primeiros repórteres. Nas décadas seguintes as publicações aumentaram e a profissão ficou mais conhecida.

A imprensa brasileira nasceu oficialmente no Rio de Janeiro em 13 de maio de 1808, com a criação da Imprensa Régia, hoje Imprensa Nacional, pelo príncipe-regente Dom João e, Euclides da Cunha é considerado o primeiro repórter do Brasil, cobriu a Guerra de Canudos para “O Estado de São Paulo”, em 1896 e na época entrevistou presos, pesquisou arquivos sobre os personagens da guerra, como Antônio Conselheiro, e narrou para o jornal o que acontecia no arraial no sertão da Bahia.

A figura do repórter não existiu sempre no jornalismo. A definição de regras e de um método próprio de trabalho ocorreu no século XIX, quando a ampla circulação dos jornais, a publicidade, os avanços tecnológicos (que permitiram maior rapidez na produção), a escolarização do público, a urbanização, a despolitização e a defesa da liberdade de imprensa contribuíram para um jornalismo informativo, global e ligado à atualidade, a partir disso, não era mais o mundo que fornecia as notícias, mas os repórteres que corriam atrás delas.

Alberto Dines, criador de um programa de rádio e televisão brasileira através de um website

(Observatório de Imprensa - 2016), em parceria com o então reitor da Unicamp Carlos Vogt deram origem a um espaço autônomo e plural, de crítica do jornalismo visando a análise da atuação dos meios de comunicação em massa do país. Dines foi homenageado pela ABRAJI - Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo e ANJ - Associação Nacional de Jornais por sua contribuição que valorizava a liberdade de imprensa. Após sua morte em 2018, o site passou a ser mantido com financiamento coletivo e por seus leitores.

O Observatório de Imprensa é uma entidade civil não governamental, não corporativa e não partidária cuja pretensão é acompanhar, juntamente a outras organizações da sociedade civil o desempenho da mídia brasileira, sendo um veículo sem pauta, sem proprietário, aberto a contribuições de jornalistas, professores, empresários de comunicação de qualquer tendência política ou ideológica e, inclusive críticos ao seu posicionamento.

Estudantes participam do OI coordenados pela equipe do próprio observatório e avaliados pela editora, presidente e professor da disciplina de ética para média final dos mesmos e com essa participação e experiência mostram aos alunos que o jornalismo deve se fundar na liberdade de expressão com direito à informação e com a função também de vigiar, delegar e exercer poderes.

O repórter não pode se intimidar com gritos, agressões de policiais ou de quem quer que seja, mesmo que seja o Presidente da República.

Se o repórter não for investigativo, com a verdade dos fatos, pluralidade de ideias e posturas críticas que contribuam com a verdade auxiliando à formação de cidadãos, conscientes de todos os esforços para a qualificação da nossa imprensa, não será jornalismo.

Será que tudo o que lemos, ouvimos e vemos diariamente nos dias de hoje na imprensa é jornalismo?

**Genha Auga – Jornalista – MTB:15.320**

## 12 - Ano-Novo Chinês



### O ano-novo chinês se inicia no primeiro dia em que a Lua está na fase nova.

quando começa o Ano do Boi (Búfalo) de Metal, que corresponde ao ano 4719 do calendário chinês, cujo término acontece em 31 de janeiro de 2022.

#### 2021: Ano do Boi

O boi é o segundo animal do zodíaco chinês. Os 12 signos do horóscopo chinês são utilizados para representar os anos. Como o ciclo se repete a cada 12 anos, 2020 encerrou um ciclo representado pelo rato, e em 2021 um novo ciclo se inicia, com o boi.

Em 2021, o ano será do signo de boi (búfalo) com o elemento metal. Desta maneira, segundo a astrologia chinesa, espera-se a chegada de um

ano de trabalho árduo e de superação. O sucesso será fruto de muita disciplina, perseverança e dedicação.

Os últimos anos do boi ocorreram em: 1913, 1925, 1937, 1949, 1961, 1973, 1985, 1997 e 2009.

O ano na China

Diferentemente do calendário ocidental, que é organizado pelo movimento de translação da Terra e, por isso, o ano possui 365 dias, o calendário chinês é lunissolar, ou seja, é organizado de acordo com as fases da Lua e a posição do Sol.

Por esse motivo, não há uma data fixa para o início do ano chinês; o seu início acontece entre 21 de janeiro e 20 de fevereiro, em decorrência do surgimento da primeira lua nova.

Para fins civis, os chineses utilizam o calendário gregoriano, utilizado na maior parte do mundo, e o calendário chinês marca as festividades e datas importantes.

A festividade que marca o início do Ano-Novo Lunar no calendário chinês é chamada de Festival da Primavera, celebração mais importante do calendário, que dura 15 dias e se encerra com o famoso Festival das Lanternas.

**Callendar**

## Povos originários e a colonialidade acadêmica



Descoberta de conjunto monumental de arte indígena na Amazônia, com pinturas de 20 mil anos, revela quanto é preciso descobrir da riquíssima história pré-colonial da América — e como o eurocentrismo cega a ciência para isso

### DESCOLONIZAÇÕES

#### Uma palavra antes do início

A marcha da perseguição, invisibilização e etnocídio aos povos originários continua em curso sustentada pelo projeto de colonialidade eurocêntrica. Vigente com seus tentáculos longos e pegajosos, sempre a se fixarem no inconsciente coletivo. A colonialidade eurocêntrica age de forma subliminar através de reforços por meio de elementos semióticos dirigindo percepções para a construção de um amalgamado de noções com aparência verossímil.

Recentemente esse esforço hercúleo de invisibilidade e inferiorização, através de hierarquizações forçadas da arte e das práticas espirituais dos Povos Originários, apresentou-se na manchete da History sobre Chiribiquete onde se lê: “Chiribiquete: Amazônia abriga a ‘Capela Sistina’ da pintura rupestre”.

Vamos nos deter somente na própria matéria da History e fazer um pouco de análise etno-histórica-arqueológica sobre esse tratamento colonializante e eurocêntrico dado pela revista e pelos próprios pesquisadores. Estes em nenhum momento se referem aos nativos deixando inferir-se ter sido por obra e graça de um esforço próprio ou de uma alétheia que vieram a encontrar Chiribiquete.

Chiribiquete ou Colina onde se desenha, no idioma construído e usado até hoje pelos povos originários, o Karijuna, está encravada no seio da Amazônia com, até agora, 75 mil pinturas rupestres catalogadas e, segundo a arqueologia clássica, revelam a diversidade biológica da região. Importante ressaltar que a área de conhecimento “Arqueologia” hoje abriga diferentes formas de fazer Arqueologia. A supracitada está ligada à maneira etimológica apontada para o estudo do conhecimento do passado histórico oitocentista, baseado em vestígios materiais e servis ao colonialismo e, até hoje, ao processo colonializante.

Todavia, para os, realmente, interessados em compreender as práticas dos povos originários, cada pintura, cada grafismo, cada conjunto desses elementos está para além de uma representação do meio ambiente e seus elementos. Animais e plantas e os Povos Originários — “diversidade biológica” — são um só ser.

Esta afirmação parte de dois pilares incompreendidos e repudiados pelos acadêmicos clássicos, a saber: os ensinamentos dos Bidzamus — os que seriam os pajés para os Kariris — ensi-

nam que nós somos um só ser: os Povos Originários e toda a Mãe Terra. Isso não significa uma vida estática, imóvel, mas sim, o contrário. É a condição de tudo estar reunido que permite a transformação. Entretanto, a academia resiste em aceitar os Bidzamus e as Troncos-Velhas (os) como referências nos trabalhos acadêmicos.

Para não fugir às exigências acadêmicas, cito um segundo pilar: Parmênides — surgido muito tempo depois dos Povos Originários de Pindorama — e, que para além de um filósofo abordado analiticamente, tinha suas reflexões estreitamente ligadas ao que hoje é chamado de mitologia grega. Sabemos que os gregos se relacionavam com seus espíritos ancestrais e seus pensadores eram considerados como conectores entre os planos transcendente e imanente.

No texto O poema de Parmênides encontramos a narrativa onde as Filhas do Sol o levam à Deusa das Revelações (I, 8-22). Lá, Parmênides, então, encontra-se com a compreensão do Ser que “é todo pleno do que é. Por isso é todo contínuo: pois ente a ente acerca” (VIII, 24 e 25). “pois de todo lado igual a si, se estende nos limites por igual” (VIII, 49).

Parmênides vai ao encontro do pensamento dos Bidzamus — posto estes existiam bem antes do filósofo — quando indica a ilusão de muitos pensarem existir em uma bolha individual capaz de manter o isolamento entre os entes em suas inter-relações sociais. Nessa direção, Chiribiquete guarda expressões do Ser como conjunto de entes, ressaltando que fazemos aqui um esforço de interpretar os ensinamentos dos Bidzamus, como também, dos autores das pinturas rupestres.

#### A mitigação pela academia

Chiribiquete é fruto da compreensão dos Povos Originários de que o humano, a terra, as matas e os sencientes são um só. Deixaram isto expresso nessa herança cosmológica e cosmogônica. Suas pinturas rupestres tiveram suas datações estimadas em 20 mil anos... 20 mil anos. Estética impecável — aceitando usar aqui o pensamento do invasor — técnicas avançadas de produção configuradas na conservação e durabilidade, domínio estratégico do território e do espaço geográfico. 20 mil anos!

O teto da Capela Sistina foi pintado por Michelangelo Buonarroti — nascido em 1475 — e levou apenas quatro anos para ser terminado — 1508-1512 — composto por nove painéis com representações da busca humana pela salvação a partir da visão bíblica católica-judaica. Mundo este tomado pela manipulação de dominadores para obtenção de poder mediante um sistema de castigo e recompensa de acordo com os interesses de uma elite eurocêntrica dominante.

Essa elite lançou suas raízes profundas na mentalidade dos povos ocidentais e estendeu seus tentáculos por todos os campos da sociedade, principalmente na educação, com o projeto de limitar e estreitar a capacidade crítica e o pensamento livre dos povos. A manchete da History é um claro exemplo dessa realidade vigente até os dias atuais.

Dessa forma, perguntamos: como uma arte, expressão cosmológica e cosmogônica de gerações com heranças milenares, encontrada organizada e compartilhada através de um sistema de códigos, cujos são, alguns, para conhecimento

geral e outros, evidentemente, com mensagens para iniciados, pode ter como referência arte horror vacui, com nove estórias, em pouco mais de 1000m<sup>2</sup> tendo, segundo alguns autores, trezentas representações — um trabalho metaforicamente, quase simplista, dada a comparação feita pelos acadêmicos — por exemplo, foram revisados em Chiribiquete 36 conjuntos pictográficos em uma área aproximada de 200m<sup>2</sup>.

Sob esses pilares afirmamos a impossibilidade do Teto da Capela Sistina ser referencial para Chiribiquete. A autenticidade de Chiribiquete ultrapassa e supera a prisão do enquadramento dado a necessidade de impressionar pela exterioridade e aspectos a serem julgados por quem se erigiu erudito.

Portanto, demonstramos a mão pesada do eurocentrismo no processo colonizante insistente e tenaz no projeto de mitigação da herança ancestral dos Povos Originários e do contínuo etnocídio cujas bases são claramente identificadas aqui, a saber: a imposição de uma escala hierarquizante onde sempre se busca inferiorizar os Povos Originários e a conseqüente invisibilização pela semiótica e o discurso construído.

Uma palavra antes do fim

“É um lugar absolutamente transcendente devido ao seu significado simbólico e cosmogônico, que talvez remeta aos primeiros momentos na América. Os pesquisadores estimam que alguns dos desenhos possam ter sido feitos há cerca de 20 mil anos. Segundo o especialista, o apelido de ‘Capela Sistina’ é perfeito para definir o local. Isso porque os desenhos que estão ali apresentam grande qualidade e requinte, além de ter um caráter sagrado”<sup>1</sup>.

O anacronismo e a incoerência — para não dizer empáfia, postura egóica e colonializante — da “academia” travestida pela semiótica do texto, na direção de mitigar e invisibilizar, nas próprias palavras dos pesquisadores, a “grande qualidade e requinte” das pinturas rupestres dos Povos Originários é violenta e flerta com o neofascismo que busca a re-implantação de formas de eugenia no próprio sentido de segregação hierárquica.

Afirmamos ser a Capela Sistina a expressão de imagens tradicionais, uma arte manipulada pela idealização dos invasores dominantes não passando de uma branca sombra pálida, como diria Lygia Fagundes Telles, de Chiribiquete. Entretanto, podemos dar as expressões artísticas em questão, no máximo, a possibilidade de serem formas de expressões artísticas, não contemporâneas, mais dotadas de sincronicidade no tempo e no espaço, segundo Jung (1973). De toda forma, jamais Chiribiquete poderia ser mitigada a essa comparação sensacionalista da matéria.

#### Enfim

Repousamos em Johannes Fabian nosso terceiro pilar: a coetaneidade; para que o Outro, citado por este autor, não seja exotizado como um objeto naturalizado. Mas, sim compreendido a partir de uma etnografia que não anule e não contorne o pressuposto do Tempo intersubjetivo. Chiribiquete não está fora dos processos dinâmicos que regem as relações sociais e só pode ser compreendida sem uma naturalização advinda da imposição de percepções semióticas hierarquizantes.

**Verioni Ribeiro Bastos**



## A exigência da vacina e o risco da deslembração

Contra os escroques, a saída possível é a imunização. Mas ela não nos protegerá de um sistema que devastou os serviços públicos, aprofundou o abismo das desigualdades e escancarou o divórcio com a natureza. Será preciso ir muito além

Crise Civilizatória

Diz Boaventura de Sousa que as sociedades atuais se dividem em dois grandes grupos populacionais: quem não pode esquecer e quem não quer recordar as injustiças de ontem e hoje. A dicotomia entre o esquecimento e a memória foi umas das que atravessou com mais força os debates éticos e sociais da segunda metade do século XX. As guerras mundiais, os totalitarismos, os fascismos, os campos de extermínio, os gulags e os crimes contra a humanidade exigiram uma reflexão sobre o dever de recordar sob o imperativo de que “Auschwitz não se repita”, nas palavras de Adorno.

Se o século XX foi, em boa medida, o século da memória, pode ser que o século XXI seja o da desmemória, sujeitos como estamos à era do aceleração, da imediatez e das fake news. Em plena crise pandêmica, corremos o risco de desenvolver uma memória frágil e muito seletiva que registre só como recordáveis determinados dados abrumadores (as estatísticas oficiais de infectados, de falecidos e curados, os dados de desemprego, etc.) cuidadosamente selecionados, em detrimento daquela memória comum das experiências cotidianas vividas, das aprendizagens, dos sentimentos, da vulnerabilidade, da precariedade e da finitude da vida.

Em Cem anos de solidão, Gabriel García Márquez narra um episódio magistral sobre a importância do dever coletivo de não esquecer. Fala de uma praga contagiosa em forma de epidemia de insônia que se alastra e aflige os habitantes de Macondo, e cuja evolução mais crítica consiste em contrair a enfermidade do esquecimento. Quando o enfermo se acostuma a ficar desperto durante dias, sua memória começava a se desvanecer paulatinamente. Primeiro, se desvaneciam as recordações de sua infância, logo o nome e o significado das coisas e as pessoas e, numa fase terminal, se esquecia por completo da consciência da própria existência, caindo em um estado que Márquez descreve como “idiotia sem passado”. As tentativas de restaurar a memória perdida foram inúmeras: de infusões medicinais à construção de uma máquina que oferecia a possibilidade de repassar os conhecimentos adquiridos ao longo da vida. No entanto, nenhum dos remédios surtiu efeito. O único que conseguiu curar a Macondo da amnésia foi uma poção mágica trazido pelo velho Melquíades, uma espécie de sábio alquimista.

A vacina contra o coronavírus corre o perigo de ser percebida socialmente como a poção mágica de Melquíades, a cura “milagrosa” em que as pessoas depositam todas suas esperanças, quando na realidade a melhor resposta preventiva às novas pandemias é fortalecer os investimentos públicos no Estado de Bem-Estar e o enfoque ecológico da vida e da economia.

No entanto, entre os efeitos colaterais da vacina se encontra a possibilidade de um episódio de amnésia coletiva. Como entender a dita amnésia no contexto atual? Que relação há entre amnésia e pandemia?

Metaforicamente falando, os possíveis efeitos amnésicos derivados da vacina são vários. Entre eles, esquecer que 2020 provavelmente pressupõe nossa entrada no Covidceno, a era das pandemias. Pode ser que o

tão anunciado “princípio do fim” da covid-19 seja somente o fim do princípio das próximas pandemias.

Outro possível efeito adverso consiste em esquecer que o impacto mais avassalador da crise é sofrido pelos setores que o capitalismo considera fardos improdutivos: os idosos, os enfermos e as pessoas dependentes. Esqueceremos a importância de políticas sociais eficazes que protejam os setores mais vulneráveis que não estão em condições de vender ao mercado sua força de trabalho? Por que a economia capitalista da saúde permite a cooperação acelerada entre a comunidade científica, as administrações públicas, a indústria farmacêutica e as agências reguladoras de medicamentos para fabricar a vacina contra o coronavírus, mas não contra outros problemas de saúde pública como a pobreza?

Também corremos o risco de esquecer que a pandemia atingiu particularmente os jovens trabalhadores precarizados no que diz respeito a suas oportunidades de encontrar emprego, ter acesso à formação (não são todos que estão em condições de fazer a transição para o ensino online) e exercer o ativismo social.

Os efeitos secundários da vacina também nos podem levar a perder de vista que a pandemia de covid-19 não afeta de forma igual a homens e mulheres, a ricos e pobres, a brancos e negros, a cidadãos com pleno direito e migrantes sem documentação, a heterossexuais e pessoas LGBTQTI.

Do mesmo modo, existe o risco de esquecer que esta pandemia não é consequência de uma fatalidade natural, mas sim o fruto de uma natureza colonizada; um fenômeno resultante da ação predatória do capitalismo sobre a vida, que invade e arrasa ecossistemas. O degelo das zonas polares, o desmatamento de florestas inteiras, o aumento do nível do mar, a proliferação de furacões, de chuvas torrenciais e secas, a extinção de espécies e o surgimento de determinadas doenças, entre outros fenômenos, são o resultado de um modelo de desenvolvimento mais vinculado à morte que a vida. Segundo um relatório recente da Plataforma Intergovernamental Científico-normativa sobre Diversidade Biológica e Serviços dos Ecossistemas (IPBES), se não deixarmos de explorar a natureza, cerca de 850 mil vírus desconhecidos em animais poderiam causar pandemias. Os governos adotarão medidas preventivas para frear de uma vez por todas a mais que previsível pandemia climática que se avizinha ou esperarão que as pessoas morram em massa por exposição a uma contaminação excessiva, como ocorreu a pequena Ella Adoo-Kissi-Debrah [criança que, devido a ilegais de poluição do ar em uma região de Londres, morreu após um ataque de asma]?

Por últimos, não se pode esquecer que os países com maior índices de mortes por covid-19 são governados por políticos de extrema-direita populista: os EUA de Trump, o Brasil de Bolsonaro e o Reino Unido de Johnson, os mesmos que tripudiaram sobre a pandemia e as mudanças climáticas.

Em poucas palavras, o problema da amnésia coletiva é a possibilidade de que o coronavírus seja assimilado como uma experiência de choque armazenada em uma memória passiva e derrotada. Walter Benjamin explica que muitos soldados que regressavam do campo de batalha depois da Primeira Guerra Mundial estavam emudecidos e traumatizados. Isso lhes impedia de transformar as experiências vividas na guerra em uma “experiência comunicável”, ou seja, em sabedoria compartilhada, em memória viva.

Experiência e memória são constitutivas de nossa identidade. Separá-las leva a perda de vínculos, de referências compartilhadas, de comunidade, enfim. Temos o dever de preservar e compartilhar a memória social da pandemia, um registro feito de afetos, valores e aspirações que nos permite não só recordar o passado, mas também reconstruir o presente, curar suas feridas.

Em O livro do riso e do esquecimento Milan Kundera nos lembra que a “luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento”. Só com reflexões e exercícios de recordações conseguiremos vencer a pandemia do esquecimento, superar as simplificações históricas e cui-

### 11 - Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência



O Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência é celebrado anualmente no dia 11 de fevereiro com o propósito de alcançar o acesso pleno da participação na ciência para mulheres e raparigas e alcançar a igualdade de gênero na ciência.

O dia 11 de fevereiro foi proclamado como Dia Internacional das Mulheres e Raparigas (**Meninas** em brasileiro) na Ciência através da Resolução 70/212 adotada na Assembleia Geral das Nações Unidas de 22 de dezembro de 2015.

## Covid Prolongada e a miséria moral do poder



### Ciência identifica sequelas pós-pandemia.

Algumas são devastadoras, rememoram um longo episódio de misoginia médica e expõem, em particular, insensibilidade dos governos e corporações que insistem na “volta ao trabalho e ao normal”

### CRISE CIVILIZATÓRIA

Talvez mais do que nunca, desde a I Guerra Mundial, tornou-se nítido que nossas vidas não importam a quem tem poder. Boa parte dos governantes sequer tenta disfarçar sua despreocupação e insensibilidade. Quase nunca mencionam, em especial, o espantoso número de mortos causado pela negligência diante da pandemia: reconhecê-lo seria admitir sua própria responsabilidade.

Mas nem só de mortes é feito o atlas da indigência moral. Também são vítimas aqueles que permanecerão por muito tempo com sequelas causadas pela covid-19. Já estão, provavelmente, na casa das centenas de milhares. Se as limitadas medidas de quarentena forem suspensas quando a vacinação estiver pela metade, pode haver centenas de milhares a mais.

As sequelas – ou “covid prolongada” – não poupam os jovens, os saudáveis ou os atléticos. Vítima mais as mulheres que os homens, mas pode se abater sobre qualquer um, inclusive as pessoas cuja infecção inicial parecia branda, e até mesmo os assintomáticos. Em alguns casos, a “covid duradoura” pode significar covid para toda a vida.

Os efeitos podem ser horríveis. Entre eles, danos aos pulmões, ao coração e ao cérebro, que podem provocar perda de memória e confusão mental, comprometimento dos rins, dores de cabeça severas, dores nos músculos e articulações, perda de olfato e paladar, ansiedade, depressão e, acima de tudo, fadiga. Todos deveríamos temer as consequências persistentes desta pandemia.

Covid prolongada é um nome genérico para u-

ma série de condições. Alguns cientistas dividem-nas em três grandes categorias; outros, em quatro. Destas, uma parece tocar um alarme. É um conjunto de sintomas muito similar à encefalomielite miálgica, ou síndrome da fadiga crônica (SFC/EM). Trata-se de uma condição devastadora, que afeta aproximadamente 250 mil pessoas no Reino Unido [não há dados consolidados no Brasil] e é frequentemente causada, como a covid, por uma infecção viral.

Entre os sintomas comuns da SFC/EM estão fadiga extrema que não tem alívio com o descanso e “hipertensão pós-exercício”: mesmo esforços físicos ou mentais suaves podem deixar os pacientes muito esgotados. Muitos pacientes permanecem confinados em suas casas ou mesmo camas, com suas vidas sociais e familiares truncadas. Não há, até agora, um teste para diagnóstico, e nenhuma cura. Um estudo publicado no jornal Plos One, da Biblioteca Pública de Ciências dos EUA, descobriu que, de vinte condições observadas, inclusive câncer de pulmão, AVC, esclerose múltipla e esquizofrenia, os pacientes com SFC/EM relataram a mais baixa qualidade de vida relacionada à saúde.

No entanto, a SFC/EM foi miseravelmente negligenciada pela ciência e medicina. Um estudo publicado no British Medical Journal em 1970, e vastamente difundido pela imprensa, deu o tom das investigações científicas que predominaram por quase 50 anos. Ele minimizou as eclosões da doença, tratando-as ou como “histeria de massas”, ou resultado de diagnósticos imprecisos. Os pesquisadores foram incapazes de acessar um único paciente ou entrevistar um único médico. Suas conclusões estavam amplamente baseadas numa observação: a de que a síndrome afetava mais mulheres que homens. Portanto, eles concluíram, era provavelmente manifestação psicossomática.

Em outras palavras, não era ciência, mas misoginia. Nos anos 1990, a condição foi caracterizada por alguns médicos como uma “crença” e uma “pseudoenferma”. Os pacientes foram tratados na mídia como fingidores, e sua doença apelidada de “gripe yuppie”.

Um estudo recente mostra que doenças cujas pacientes são predominantemente mulheres **tende** a receber menos recursos que aquelas que afetam homens. O esforço científico também é, em grande medida, função da efetividade das pressões dos pacientes. Um dos paradoxos cruéis desta condição é que a fadiga extrema causada por ela solapa a possibilidade dos pacientes para se mobilizar por melhores tratamentos.

Um estudo da Associação da Encefalite Miálgica do Reino Unido revela que por mais de 10 anos o país gastou apenas 10 milhões de libras [equivalentes a R\$ 76 milhões] na pesquisa da

doença – ou menos de R\$ 300 por paciente. Em comparação, a pesquisa da epilepsia recebeu R\$ 1500 por paciente, a artrite reumatoide, R\$ 2200 e a esclerose múltipla, R\$ 6000. Ainda hoje, alguns médicos recusam-se a crer nas queixas dos pacientes, minimizam seus sintomas ou prescrevem tratamentos sem comprovação ou danosos.

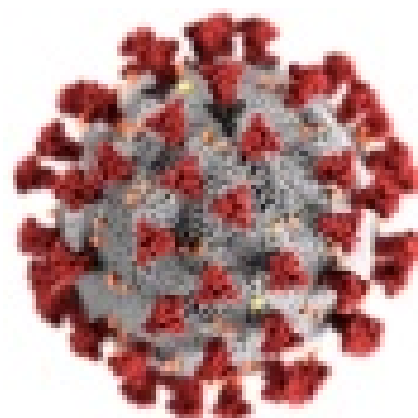
Para alguns pacientes, a condição que sofrem é uma “morte em vida”. O testemunho de pessoas que me escreveram é pungente. “Estou doente há 15 anos e perdi o casamento, a carreira e os amigos”. “Fui acamado aos 22 e alimentado por sonda desde 2004”. “Meu filho está na cama há 10 anos”. “A luta de 30 anos de meu pai (...) roubou-lhe o que teriam sido os melhores anos de sua vida”. “A pior coisa foi ser mandada a um psiquiatra porque não me acreditavam”. “Diziam constantemente a minha mãe que ela estava louca, fora de sua condição normal”. “Cada consulta médica é uma batalha”. “A luta por aposentadoria foi angustiante e quase me quebrou”. “Ninguém poderia ter me prevenido para a falta de interesse, o abuso e a negligência do mundo médico, científico e político”. Agora, com a covid, milhares de outras pessoas podem ter sido atingidas, no que um professor de medicina chama de “um tsunami pós-viral”.

Algumas coisas estão melhorando. O governo britânico financiou um grande estudo genético chamado DecodeME [referência à abreviação da encefalomielite miálgica em inglês]. São necessários 20 mil participantes. O Nice, órgão de padrões de saúde no país, atualizou seus manuais clínicos. Se algo de bom pode surgir da pandemia, pode ser maior reconhecimento e recursos para as pessoas com SFC/EM. Precisa começar – e é curioso ainda ter de dizer isso em 2021 – com os médicos dispendo-se a ouvir os pacientes e a levá-los a sério. Os tratamentos precisam basear-se em descobertas empíricas e não em ideias velhas e desacreditadas.

O Sistema Nacional de Saúde [NHS, uma das inspirações do SUS] está criando agora clínicas especializadas para tratar a covid prolongada. Mas alguns erros evidentes já começaram a ser cometidos. Sem os cuidados necessários, o NHS recomenda seguidamente níveis crescentes de exercício a pessoas que sofrem de fadiga pós-covid. Mas, como sabem os pacientes da SFC/EM que desenvolvem hipertensão pós-exercício, esta prescrição, ainda que soe intuitiva, pode ser altamente danosa.

Precisamos de programas intensos de pesquisa tanto sobre a covid prolongada quanto sobre a SFC/EM, em paralelo a melhor informação dos médicos. Mas acima de tudo, precisamos de algo que parece faltar há muito: governos que se importem.

**George Monbiot**



## Origem do Coronavírus

Os primeiros casos do coronavírus (Covid-19) tiveram origem no mercado de frutos do mar da cidade de Wuhan localizada na China, as primeiras ocorrências foram relatadas na virada do ano 31/12/2020 e a incidência aumentou de maneira exponencial nas primeiras semanas.

Acredita-se que o vírus Sars-CoV-2 possua como hospedeiros determinadas espécies de morcegos e o pangolim, um animal consumido como alimento exótico em algumas regiões da China.

O período de incubação varia entre 4-14 dias, sendo que ainda é cedo para afirmarmos que o vírus só é transmitido por indivíduos sintomáticos.

A taxa transmissão do vírus é de 2,75, isso quer dizer que uma pessoa infectada transmite, em média, para outros 2,75 indivíduos.

Da redação

# Em números, a brutal desigualdade na pandemia



Ganhos dos 10 mais ricos, durante a pandemia, pagariam vacina para a população mundial. Imposto sobre 32 megacorporações distribuiria renda a mais de 500 milhões de desocupados. Mas ordem global espalha a fome e miséria

## Crise Civilizatória

As 1.000 pessoas mais ricas do mundo recuperaram todas as perdas que tiveram durante a pandemia de covid-19 em apenas nove meses (entre fevereiro e novembro de 2020), enquanto os mais pobres do planeta vão levar pelo menos 14 anos para conseguir repor as perdas devido ao impacto econômico da pandemia. É o que revela o relatório O Vírus da Desigualdade, lançado pela Oxfam nesta segunda-feira (25/1) na abertura do Fórum Econômico Mundial realizado em Davos, na Suíça.

Em fevereiro de 2020, os mais ricos tinham 100% de suas fortunas. Em março, essa riqueza caiu para 70,3%, voltando aos 100% em novembro. Para se ter uma ideia da velocidade dessa recuperação, os mais ricos do planeta levaram cinco anos para recuperarem o que perderam durante a crise financeira de 2008.

Em todo o mundo, os bilionários acumularam US\$ 3,9 trilhões entre 18 de março e 31 de dezembro de 2020 – a riqueza total deles hoje é de US\$ 11,95 trilhões, o equivalente ao que os governos do G20 gastaram para enfrentar a pandemia. Só os 10 maiores bilionários acumularam US\$ 540 bilhões nesse período.

A pandemia da covid-19 tem o potencial de aumentar a desigualdade econômica em quase todos os países ao mesmo tempo, revela o relatório – algo que acontece pela primeira vez desde que as desigualdades começaram a ser medidas há mais de 100 anos. O vírus matou mais de dois milhões de pessoas pelo mundo e tirou emprego e renda de milhões de pessoas, empurrando-as para a pobreza. Enquanto isso, os mais ricos – indivíduos e empresas – estão prosperando como nunca. A crise provocada pela pandemia expôs nossa fragilidade coletiva e a incapacidade da nossa economia profundamente desigual trabalhar para todos.

No entanto, também nos mostrou a grande importância da ação governamental para proteger nossa saúde e meios de subsistência. Políticas transformadoras que pareciam impensáveis antes da crise, de repente se mostraram possíveis. Não pode haver retorno para onde estávamos antes da pandemia. Em vez disso, a sociedade,

cidadãos e cidadãs, empresas, governos e instituições devem agir com base na urgência de criar um mundo mais igualitário e sustentável.

“A pandemia escancarou as desigualdades – no Brasil e no mundo. É revoltante ver um pequeno grupo de privilegiados acumular tanto em meio a uma das piores crises globais já ocorridas na história”, afirma Katia Maia, diretora executiva da Oxfam Brasil. “Enquanto os super-ricos lucram, os mais pobres perdem empregos e renda, ficando à mercê da miséria e da fome.”

O relatório O Vírus da Desigualdade detalha como o atual sistema econômico está permitindo que a elite dos super-ricos acumule riqueza em meio a pior recessão global desde a crise de 1929 (a Grande Depressão) enquanto bilhões de pessoas lutam para sobreviver.

A recessão acabou para os mais ricos, mas continua fazendo estragos entre os mais pobres

A pandemia não impediu que os 10 homens mais ricos do mundo conseguissem acumular US\$ 540 bilhões desde o seu início – o suficiente para pagar pela vacina contra a covid-19 para toda a população mundial, e garantir que nenhuma pessoa seja empurrada para a pobreza. Enquanto isso, a crise do coronavírus deu início a pior crise de empregos em mais de 90 anos. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que cerca de meio bilhão de pessoas estão agora sub-empregadas ou sem emprego, enfrentando miséria e fome.

Quando o coronavírus chegou, mais da metade dos trabalhadores e trabalhadoras dos países de baixa renda viviam na pobreza, e 75% dos trabalhadores e trabalhadoras do mundo não tinham acesso a proteções sociais como auxílio-doença ou seguro-desemprego.

As mulheres são as que mais sofrem, de novo

As mulheres são maioria nos empregos mais precários, justamente aqueles que foram, globalmente, mais impactados pela pandemia. Se elas tivessem o mesmo nível de representação que os homens nesses empregos, 112 milhões de mulheres não estariam mais sob o risco de perder sua renda ou empregos. É o caso, por exemplo, das áreas de saúde e assistência social que, além de serem mal remuneradas e desvalorizadas, também expõem mais as mulheres aos riscos de contaminação por covid-19.

## A desigualdade de raça está tirando vidas

Nos Estados Unidos, 22 mil pessoas negras e hispânicas ainda estariam vivas se tivessem a mesma taxa de mortalidade por covid-19 que as pessoas brancas. As taxas de contaminação e mortes por covid-19 são maiores em áreas mais pobres de países como França, Espanha e Índia. Na Inglaterra, essas taxas são o dobro nas regiões mais pobres em comparação com as mais ricas.

Economias mais justas são a chave para uma recuperação econômica rápida da pandemia

Um imposto temporário sobre os excessivos lucros obtidos pelas 32 corporações globais que mais lucraram durante a pandemia poderia arrecadar US\$ 104 bilhões em 2020. Isso é o suficiente para providenciar auxílios desemprego para todos os trabalhadores e trabalhadoras afetados durante a pandemia e também para dar apoio financeiro para todas as crianças e idosos em países de renda baixa ou média.

“A desigualdade extrema não é inevitável, mas uma escolha política. Os governos pelo mundo precisam utilizar esse momento de grande sofrimento para construir economias mais justas, igualitárias e inclusivas, que protejam o planeta e acabem com a pobreza”, afirma Katia Maia. “O novo normal pós-pandemia não pode ser uma repetição de tantos erros do passado que nos legaram um mundo que beneficia poucos às custas de milhões”, diz Katia, lembrando que a recuperação econômica tem que incluir as pessoas em situação de vulnerabilidade. “Não pode haver recuperação econômica sem responsabilidade social.”

## Sobre os dados

Os cálculos da Oxfam são baseados nas fontes de dados mais atuais disponíveis. Os dados sobre os mais ricos do mundo vêm da lista de bilionários 2020 da Forbes. Como os dados sobre riqueza em 2020 eram muito voláteis, o Instituto de Pesquisa Credit Suisse atrasou para agosto de 2021 o lançamento de seu relatório anual sobre a riqueza no mundo. Isso significa que não pudemos comparar a riqueza dos bilionários com a da metade mais pobre do mundo, como fizemos em relatórios anteriores.

De acordo com a Forbes, as 10 pessoas mais ricas do mundo viram suas fortunas crescerem US\$ 540 bilhões entre 18 de março de 2020 a 31 de dezembro de 2020. Os 10 mais ricos do mundo são: Jeff Bezos, Elon Musk, Bernard Arnault e família, Bill Gates, Mark Zuckerberg, Larry Ellison, Warren Buffet, Zhong Shanshan, Larry Page e Mukesh Ambani.

O Banco Mundial simulou como um aumento na desigualdade em quase todos os países do mundo ao mesmo tempo impactaria na pobreza global.

Segundo os cálculos do Banco Mundial, se a desigualdade (medida pelo coeficiente de Gini) aumentar em dois pontos percentuais anualmente e o crescimento do PIB per capita global encolher 8%, mais 501 milhões de pessoas estarão vivendo com menos de US\$ 5,5 por dia em 2030 (algo em torno de R\$ 30), em comparação a um cenário em que não há aumento da desigualdade. Como resultado, os níveis de pobreza global seriam maiores em 2030 do que eram antes da pandemia começar, com 3,4 bilhões de pessoas vivendo com apenas US\$ 5,5 (R\$ 30) por dia. Esse é o pior cenário calculado pelo banco, mas as projeções sobre a retração econômica na maioria dos países em desenvolvimento do mundo estão alinhadas a esse cenário.

O pior cenário desenhado pelo FMI não vê o PIB global retornando aos níveis pré-pandemia antes do fim de 2022. A OCDE alertou que isso provocará um aumento de longo prazo na desigualdade global a menos que ações decisivas sejam tomadas.

O cálculo da Oxfam de que 112 milhões de mulheres a menos estariam sob o risco de perder seus empregos e rendas se homens e mulheres fossem igualmente representados nas profissões mais precárias e mal remuneradas – as que foram mais impactadas pela covid-19 – é baseado em relatório da OIT publicado em julho de 2020.

## Oxfam Brasil





## A açucarada língua portuguesa: Lusotropicalismo e Lusofonia no século XXI

CONTINUAÇÃO DA EDIÇÃO ANTERIOR

Autora: Cristine Gorski Severo



Conforme visto, a colonização portuguesa no Brasil caracterizou-se, prioritariamente, pela exploração agrária com fins comerciais, em detrimento da povoação (Prado Júnior, 1942/1972), o

que explicaria o tardio surgimento de universidades na América portuguesa, diferentemente da colonização espanhola que, na sua empreitada colonial, construiu, em 1538, a Universidade de São Domingos, seguida por outras universidades em Lima, Cidade do México, Bogotá, Cuzco, etc.

Tal característica da colonização portuguesa é também mencionada por Buarque de Holanda (1936/1995, p.107): "A obra realizada no Brasil pelos portugueses teve um caráter mais acentuado de feitorização do que de colonização. Não convinha que aqui se fizessem grandes obras [...]". Correlata à ausência das universidades está a tardia inserção da imprensa no Brasil, diferentemente do ocorrido na Cidade do México, onde em 1535 já havia registros de livros impressos. Tais incrementos intelectuais, que sinalizam para a instauração de uma cultura erudita letrada, são formalizados no Brasil apenas com a vinda da Corte portuguesa em 1808. Evidentemente, um dos propósitos de tal atraso era o de "impedir a circulação de ideias novas que pudessem pôr em risco a estabilidade do seu domínio [português]" (Buarque de Holanda, 1936/1995, p.121).

Tais fatos, embora paralelos à implantação da engenhosidade açucareira no Brasil, foram também um dos efeitos do dispositivo colonial na busca de uma unificação e homogeneização. Não por acaso, uma das vias de expansão de políticas lusófonas se dá por intermédio das universidades portuguesas, que atribuem bolsas de estudos a estudantes africanos. Ademais, as elites brasileiras, africanas e timorenses tiveram sua formação acadêmica nessas universidades. Exemplificando o caso brasileiro: "Sentiam-se perfeitamente cônscios de seu privilegiado acesso à educação e integrados na Metrôpole, particularmente em Coimbra, os membros das elites intelectuais da colônia que para lá se deslocavam. Na Universidade, estimulava-se um clima de entrosamento entre metropolitanos e brasileiros, em benefício dos interesses estatais." (Boschi, 1991, p.108).

Espera-se que esta breve apresentação do lucrativo dispositivo colonial açucareiro possibilite compreender as condições históricas e materiais de emergência de sentidos adocicados conferidos à língua portuguesa, como a sua "doçura", "suavidade" e "maciez". Tais sentidos foram estabilizados historicamente por meio de discursos de intelectuais e literatos, conforme será discutido na seção seguinte.

2. Do açucarado engenho à adocicada língua portuguesa

Nesta seção discute-se a maneira como a "doçura colonial" deslizou e impregnou os sentidos atribuídos à língua portuguesa. Interpretam-se os sentidos adocicados atribuídos à língua - como a "doce língua portuguesa" ou a "língua portuguesa tem doçura" - a partir da engenhosidade canavieira colonial. Em outros termos, considera-se que o valor comercial atribuído ao açúcar desde o período colonial até o presente (com a produção de combustível, por exemplo) desliza para a língua portuguesa. Nesse caso, a língua torna-se mercadoria de troca e de comércio, sendo que as instituições portuguesas assumem um papel forte nesse processo, como é o caso do Instituto Camões. Antes de discutir tal interpretação, arrolam-se a seguir alguns sentidos e valores "adocicados" atribuídos à língua, que foram historicamente reiterados e estabilizados, especialmente por discursos acadêmicos e literários.

Em Casa Grande e Senzala, Gilberto Freyre tece comentários sobre a "natureza" da língua portuguesa falada no Brasil, pressupondo que a língua teria incorporado certos valores ou atributos em virtude do processo de miscigenação racial:

Temos no Brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto o português só admite um - o 'modo duro e imperativo': diga-me, faça-me, espere-me. Sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: me diga, me faça, me espere. Modo bom, doce, de pedido. (Freyre, 2003, p.376-7)

Algumas palavras, ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no Brasil por influência da boca africana. Da boca africana aliada ao clima - outro corruptor das línguas européias, na fervura por que passaram na América tropical e subtropical [...]. Sem rr nem ss; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano [...] Os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos (p.373).

Caldcleugh, que esteve no Brasil em princípios do século XIX, deliciou-se com o português colonial. Um português gordo, descansado. Distinguiu-o logo do da metrôpole (p.374).

A miscigenação das raças como um traço característico da engrenagem colonial teria deslizado para as línguas. A natureza adocicada, amolecida, deliciosa, dengosa, servil e suave, valores que são transpostos para a língua falada no Brasil e que a distinguiriam do português da metrôpole, seriam efeitos das relações entre um colonizador mais adaptável, solidário, protetor e tolerante com escravizados submissos, obedientes e servis. A língua portuguesa da colônia passa, então, a incorporar uma vagareza e lentidão na fala, quase como reflexo dos efeitos do clima e da miscigenação das raças. Evidentemente, tais valores não são neutros, mas encarnam relações de poder que diferenciam, hierarquizam, naturalizam e perpetuam discursos sobre a língua da colônia em oposição à língua da metrôpole. E a vagareza e a lentidão da vida brasileira, materializadas na forma de falar, teriam sido efeitos da mistura de raças: "Terá influído aí a

índole portuguesa, sobretudo quando amaciada pelo contato com os trópicos e a geral moleza que caracteriza a vida brasileira." (Prado Júnior, 1942/1972, p.277).

Tais valores e discursos, contudo, não se restringiram à obra Casa Grande e Senzala, mas são amplamente compartilhados e usados para caracterizar a língua portuguesa em terras brasileiras. A título de ilustração, os primeiros registros literários escritos que abordam o açucaramento (doçura) da língua portuguesa no Brasil datam de 1705, conforme se lê na dedicatória da obra barroca Música do Parnaso do baiano Manuel Botelho de Oliveira:

Nesta América, inculta habitação antigamente de Bárbaros índios, mal se podia esperar que as Musas se fizessem brasileiras; contudo quizeram também passar-se a este empório, aonde, como a doçura do açúcar é tão simpática com a suavidade do seu canto, acharam muitos engenhos [...] (apud Teixeira, 2000, p.200)

Outro registro escrito remonta a 1824-1825, feita pelo baiano Visconde de Pera Branca que, na introdução que escreveu para o Atlas Ethnographique du Globe a pedido do geógrafo Adrien Balbi, teria caracterizado o falar brasileiro como "mais doce, mais ameno" (Pinto, 1978). Nesse contexto valorativo, como já diria Chave de Melo (1972, p.7) - a respeito da atribuição de invenção da "língua brasileira" a José de Alencar -, "há certas afirmações que passam em julgado, entram no patrimônio intelectual de uma comunidade e ganham a força de um axioma". Pois bem, para além do brasileiro literário de Alencar, acredita-se que a "açucarização" da língua portuguesa como atributo de uma brasilidade se tornou, por motivações políticas, um desses axiomas, conforme será ilustrado nos excertos que seguem:

[...]

Língua minha dulcíssima e canora, Em que mel com aroma se mistura, Agora leda, lastimosa agora, Mas não isenta nunca de brandura; Língua em que o afeto santo influi e ensina E derrama e prepara A música mais rara - e mais divina.

[...]

(José Albano, Ode à língua portuguesa, 1912)

As relações sociais que introduziram o termo sinhá são desconhecidas aos europeus. No velho mundo a escravidão foi com mui raras exceções a tirania doméstica: e não se repassou como no Brasil dos sentimentos os mais generosos [...] Não podem pois estranhos compreender a doçura e a expressão do vocábulo, com que o escravo começou a designar a filha do seu senhor. (Alencar, [1874]1978, p.134).

José Albano (1882-1923), autor da Ode acima, teve seus trabalhos publicados apenas em 1948 em uma coletânea organizada de poemas seus por Manoel Bandeira, com o título de Rimas. Sem pretensões de maiores considerações literárias, interessa vislumbrar no excerto, de estilo quinhentista do classicismo camoniano português (Azevedo, 2000), os sentidos atribuídos à língua, que revelam a sua doçura, suavidade, singeleza e sonoridade, fazendo menção especialmente à modalidade oral da língua:

**CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO**

## Carta a meus futuros netos: O que eu aprendi durante a grande pandemia de 2020



Queridos futuros netos,

Espero que esta missiva lhes encontre em ótima saúde e pleno desfrute de seus amores e paixões num futuro que, lamentavelmente, desafia qualquer predição ou enredo nesta manhã de dezembro de 2020 em que lhes escrevo. Tal estado de coisas se aplica tanto aos meros mortais como a este seu avô ainda não nomeado, quanto para alguns autoproclamados “futuristas”. Embora tão ou mais perdidos que nós, estes últimos empolam a voz para prever, com toda segurança (sic) e devida pompa, como será o nosso modo de viver daqui 10 mil anos, quando máquinas inteligentes (só que não) dominarão o mundo e regularão cada aspecto das nossas vidas “para o bem de toda humanidade” (sic). Convenientemente para esses sacerdotes do Culto da Máquina, ninguém vivo hoje poderá checar a validade dessas profecias, ou falácias, como seu avô gosta de chamá-las.

Mas voltemos à razão primordial que me motivou passar por cima de todos os protocolos e entrar em contato prematuramente com todos vocês meus futuros descendentes. Antes de tudo, desculpo-me por não mencionar seus devidos nomes, apelidos ou alcunhas. Como seus progenitores, também conhecidos como meus filhos, seguem adiando indefinidamente o projeto de vossa concepção, eu decidi me adiantar a eles, bem como aos nascimentos e respectivos batismos de suas proles, em prol de manter viva uma tradição familiar que já se estende por mais de um século. Assim, mesmo ciente do espanto que esta carta possa lhes causar sem eu ter assumido ainda oficialmente o posto de avô, passo a descrever a necessidade da minha inusitada estratégia de escrever para futuros netos antes mesmo de trocar-lhes a primeira fralda.

Ocorre que durante a minha infância, nos idos da década de 1960, minha digníssima bisavó, dona Ada Maria Luíza De La Santa Rocha Leão, tinha por hábito me encantar com causos da sua vida, que se misturavam com os maiores eventos da história do século passado. Enquanto fazia o seu crochê, ela me contava coisas, como o primeiro telegrama a chegar na cidade de Tatuí, interior de São Paulo, onde ela residia, ou a primeira transmissão oficial de rádio do Brasil, até o bombardeio da cidade de São Paulo, pelas tropas federais do Presidente Artur Bernardes, durante a revolta tenentista de 1924, que gerou o embrião da épica Coluna Prestes.

Na minha frente, acreditem, eu tinha uma testemunha dos efeitos da eclosão de duas grandes guerras mundiais. Como observadora dos maiores feitos do século XX – incluindo o Campeona-

to Mundial do Palmeiras em 1951 que ela celebrava religiosamente todo ano —, Dona Ada viveu e sobreviveu à maior pandemia do século XX. A estória do que ela presenciou durante aqueles meses de pânico em 1918 e 1919 onde a “Gripe Espanhola” — que de espanhola não tinha nada — vitimou milhares de brasileiros, era sempre motivo de inúmeros pedidos de “bis” feitos pelo seu mais fiel ouvinte e primeiro bisneto, devidamente aboletado no amplo sofá da bucólica casa na rua Chanés, no bairro de Moema, onde duas imperatrizes de Toscana no exílio, Ada e Lygia (sua filha), residiam, espalhando sabedoria.

Curiosamente, o que mais me marcou no relato de Ada sobre a pandemia de 1918 não foi a descrição do dia a dia da tragédia em si, mas as lições que a então adolescente ítalo-brasileira extraiu do evento que abalou todo o planeta, invariavelmente resumidas no seu vaticínio “O que eu aprendi com a Grande Pandemia de 1918”.

Pois bem, meus queridos futuros netos, tendo sobrevivido — até agora — à maior pandemia em 100 anos, graças, em grande parte, às lições da minha querida bisavó toscana, esta carta tem o intuito de manter a tradição iniciada por Dona Ada e perpetuar a sincronização da nossa “brainer” ítalo-greco-brasileira, através do meu aditamento da já tradicional série familiar (em breve, disponível no seu streaming favorito). Segue, portanto, a lista de aprendizados derivados do meus exatos 9 meses de isolamento social, passados num apartamento da cidade de São Paulo, em decorrência da pandemia de covid-19, que assolou o mundo em 2020 e que, provavelmente como todos vocês já devem saber aí no futuro, continuará a provocar sobressaltos em 2021 e em muitos anos por vir.

No topo da minha lista, meus amados futuros netos, não poderia faltar a constatação de que a pandemia de covid-19 escancarou de forma explícita as fragilidades acumuladas em todo o nosso planeta em decorrência das falácias embutidas num modelo de crescimento e globalização totalmente caóticos. Desde a sua implantação, alguns séculos atrás, com o advento da revolução industrial, esse modelo se caracteriza por promover não só níveis insustentáveis de destruição ambiental, mas graus inaceitáveis de desigualdade econômica e social. Conjuntamente, esses fatores ameaçam a própria sobrevivência da nossa espécie, bem como de todas as formas de vida do planeta.

Junte-se a isso a constatação da inexistência de qualquer mecanismo de governança econômico-político-sanitário-científico genuinamente global, democrático, eficiente e transparente o suficiente para lidar com tragédias de escala mundial. Como consequência, toda a humanidade permanece à mercê de eventos catastróficos, capazes de nos conduzir a um destino extremamente peculiar: a extinção de toda uma espécie promovida pelos desígnios de alguns poucos membros desta mesma espécie.

Nesta altura, vale também ressaltar a total estupefação deste seu avô ao comprovar, repetitivamente, que poderosas abstrações mentais criadas pelas nossos cérebros de primatas, como sistemas político-econômicos, ideologias, rituais religiosos (como as festas de Natal no Brasil ou o Dia de Ação de Graças nos EUA) e visões de mundo que contradizem os fatos mais básicos

do Universo, continuam a ter precedência nas mentes de bilhões de seres humanos. Isso se dá — acreditem! — quando esses são confrontados com a necessidade de manter ou mesmo reforçar todas as medidas não farmacológicas de proteção — como o isolamento social — para evitar novas ondas de covid-19, apenas meses antes de vacinas eficientes e seguras contra o SARS-CoV-2 serem disponibilizadas para toda a população.

Imaginem então a frustração deste seu avô neurocientista — me permitam assumir o meu papel de vez — em constatar que seus conterrâneos brasileiros decidiram chutar o proverbial balde coletivamente, decretando por aclamação o final da pandemia e, em ato contínuo, encher as praias, shoppings e bares nos dias de sol e de chuva, jogando futebol por todo o país e já preparando as respectivas festas e viagens de final de ano, cujas aglomerações servirão apenas para produzir o maior presente de Natal que o novo coronavírus poderia pedir a Papai Noel?

Se isso não bastasse, como vocês reagiriam ao saber que durante na campanha eleitoral nacional de 2020, em plena pandemia fora de controle, nada de relevante foi realmente discutido em relação ao que deveria ser feito para preparar o país para uma iminente segunda onda de casos e óbitos? E não se trata de exagero de cientista, já me antecipo. A minha preocupação tem razão de ser. Como vocês aprenderam nos livros texto, casos e óbitos de covid-19 já se transformaram em tsunami em terras europeias e começam a inundar as nossas praias tropicais, como previamente anunciado numa outra missiva de minha autoria. De fato, no Brasil, a grande pandemia de 2020 se transformou num enorme elefante, abandonado à própria sorte, bem no meio da sala de estar, a quem ninguém quer dirigir a palavra ou se responsabilizar pelos seus cuidados, esperando que ele desapareça espontaneamente de vista.

Pois bem, meus queridos netos, na Grande Pandemia de 2020 tudo isso aconteceu, acrescido de manifestações contínuas de autoridades governamentais brasileiras que contradizem toda e qualquer boa prática sanitária que poderia ter evitado mais mortes e sofrimentos em todo país. Mas como a ideia aqui é manter a narrativa iniciada por dona Ada, eu gostaria de terminar esta nossa primeira interação da mesma forma que ela terminava as nossas conversas no sofá do seu Castelo Imperial de Moema: com uma pequena lista de observações que talvez sirvam de alguma ajuda ou alento, caso vocês também tenham que enfrentar circunstâncias semelhantes neste seu futuro que eu nem ousa imaginar como será. Segue abaixo, então, um pequeno apêndice às leis de Dona Ana de como sobreviver a uma pandemia.

Passadas poucas semanas após o início da quarentena, eu descobri que podia viver com bem menos do que normalmente vivia. Parte dos nossos problemas advém de uma cultura de consumismo desenfreado que tem pouco a ver com as nossas reais necessidades fundamentais de vida. Invariavelmente, creiam-me, menos significou mais em termos da minha qualidade de vida durante esta pandemia. Portanto, eu recomendo este downsizing a todos vocês, queridos netos.

**CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE**

## Carta a meus futuros netos: O que eu aprendi durante a grande pandemia de 2020

CONTINUAÇÃO PÁGINA ANTERIOR

Durante esta pandemia, para mim o tempo voltou a ser analógico, quer dizer, contínuo, sem os intervalos precisos ditados pela modernidade e o seu aparato tecnológico de arregimentação coletiva (relógios e agendas). Neste período de isolamento social, o meu ritmo de vida voltou a ser muito mais natural e condizente com o processo evolutivo que nos trouxe até aqui, ao longo de milhões de anos, esculpindo a nossa biologia a cada passo. Assim, eu aproveitei este inesperado presente da pandemia para recuperar comportamentos que foram quase perdidos, como, por exemplo, olhar de vez em quando para o céu no meio do dia, ou em noites estreladas, e simplesmente observar em silêncio o cosmos que nos abraça. Com um pouco de imaginação (e um aplicativo espetacular), a sacada do meu apartamento virou um verdadeiro observatório astronômico. E também minha praia, onde eu religiosamente tomei uma hora de banho de sol a cada manhã, me informando sobre tudo que descobrimos sobre o SARs-Cov-2.

Durante o meu prolongado isolamento social, eu também descobri o que realmente é essencial na minha vida: transformar “energia potencial” oferecida generosamente pelo sol em conhecimento e repassá-lo para todos que queiram absorvê-lo. Talvez este tenha sido o período em que eu mais estudei e aprendi sobre assuntos que nada tinham a ver com a minha vida de cientista profissional. E como resultado desta experiência inesquecível, eu decidi mudar radicalmente a forma de exercer a minha arte, a ciência, quando esta pandemia acabar.

Mas outras descobertas inesperadas ocorreram. Por exemplo, bastou receber de presente um pé de manjerição e um de girassol (fotos no meu Instagram: @mnicolelis) para descobrir que a empatia humana e o amor verdadeiro ainda existem entre nós. Desde então, o pé de manjerição e eu compartilhamos uma missão recíproca: cuidar um do outro para garantir que ambos saiam em grande forma desta pandemia. Até agora, nós tivemos sucesso nesta nossa colaboração.

leiro modificou. A pluralidade religiosa é a nova realidade do campo religioso nacional. As pessoas optaram por outros credos ou também não terem vínculos institucionais com organizações religiosas. O censo realizado a cada década pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta uma queda do número de católicos, aumento dos evangélicos, aumento dos sem religião, e considerável aumento de pessoas que dizem ser não cristãs. O Brasil é um país diverso no tocante a matéria de religião ou religiosidade.

As relações entre religião e política também acompanharam as mudanças do perfil religioso brasileiro. Não apenas a Igreja Católica participa da política, mais sim, diversas instituições religiosas dialogam com o Estado. Cada uma a sua maneira. Destacamos aqui os evangélicos, com a formação das bancadas no poder legislativo, grupos religiosos em seus eventos posicionam abertamente sobre temas nacionais, participação em conselhos, articulação para concessão de rádio e tv, dentre outras formas. Em síntese, dificilmente o Brasil não terá como lidar com o envolvimento dos religiosos na política.

O certo seria religião e política não se misturarem. Religião é assuntos privados e Estado assuntos públicos. O parlamentar que é eleito deve governar para todos e não apenas para sua base religiosa ou a partir de seus princípios religiosos. O que acontece hoje no Brasil, que a fronteira entre a religião e a política está comprometida. As duas esferas se confundem. Resultado disso: questionamento da laicidade, preconceitos, intolerância religiosa, racismo religioso, dificuldade no ecumenismo, não respeito aos direitos humanos e autoritarismo.

**Marcos Vinicius de Freitas Reis**

Professor Universitário

Como ocorreu em 1918, eu confirmei a máxima de que quando a política bate de frente com a biologia, a biologia continua ganhando de goleada. Apenas alguns políticos caricatos continuam a ignorar esta verdade histórica. E a história não será generosa com nenhum deles quando a autópsia da Grande Pandemia de 2020 for finalmente realizada, pois no Brasil, eu constatei que lutamos não só contra uma pandemia, mas também contra o pandemônio político e a patifaria humana – que eu chamo de 3 Ps. E no país dos 3 Ps, o coronavírus conseguiu seu intuito principal: sobreviver, prosperar e proliferar rapidamente às custas da incompetência, inoperância e ignorância galopantes, tanto de alguns governantes despreparados, como de setores da nossa sociedade. Ainda assim, todos estes 3 Ps podem ser derrotados, pois, para cada um deles, há uma vacina específica a ser usada. E eu continuo acreditando ser possível varrer esses três vírus do cenário brasileiro, de preferência antes do nascimento de vocês, meus já amados netos.

Finalmente, nesses últimos 9 meses, me dei conta de que, pela primeira vez, em toda história da humanidade, a ciência de ponta e tecnologias as mais diversas, como vacinas, internet e telefones celulares, vão desempenhar papel essencial na diminuição do sofrimento e das mortes causadas por uma pandemia. Mas algo mais essencial precisa acontecer para que nós possamos sair desta crise existencial e tentar criar um futuro melhor para todos que, como vocês, ainda estão por nascer. Eu me refiro a um verdadeiro resgate da condição humana e de todos os valores humanísticos sem os quais, infelizmente, esta missiva jamais será lida por nossos futuros descendentes. Pois, nenhuma descoberta científica, nenhuma nova tecnologia, por mais radical e inovadora que seja, será capaz de nos salvar de um fim tão inevitável quanto previsível – a nossa extinção –, caso não sejamos capazes de renunciar à nossa atual apatia e erguer os olhos para encarar de frente todos os nossos erros, cometidos por séculos a fio, bem como todos os falsos profetas e suas profecias vazias, e gritar com uma única voz, em alto e bom som, BASTA!

Até um dia meus queridos. Se o Big Bang deixar.

**Miguel Nicolelis**

## Presença do elemento religião na política brasileira



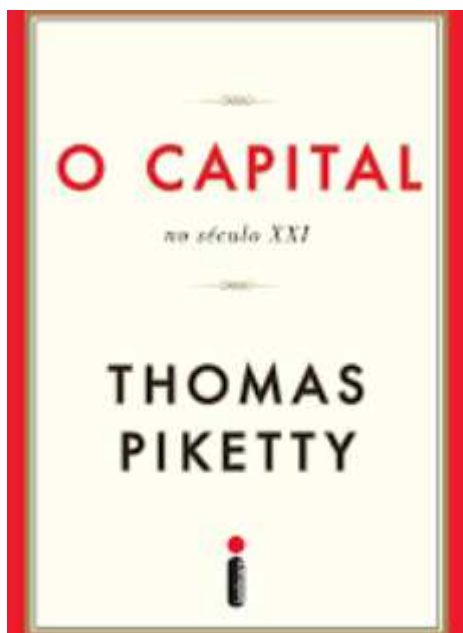
Desde a conquista das terras brasileiras pelos portugueses a variável religião foi determinante para definição das questões políticas. As autoridades políticas necessitavam do apoio da Igreja Católica para justificar suas ações. Isto é, o projeto colonizador teve respaldo institucional da Igreja Católica, que por sua vez, objetivava a expansão dos seus princípios doutrinários as novas terras conquistadas.

Ao longo do período colonial e imperial, o regime de padroado foi importante para manter a aliança entre Igreja e Estado. A construção da identidade brasileira passava pela religiosidade católica que era exercida por quase a totalidade da população que aqui habitava. Aqueles que não se recusassem a praticar a fé católica tinham sanções, algumas realidades até a morte.

Com a proclamação da República, e o início do século XX, a Igreja Católica não era mais a religião oficial do Estado. Entretanto, isto não quer dizer que não tivesse benefícios. Culturalmente o brasileiro era católico. Os bispos e os padres tinham muito poder de barganha com o poder executivo, legislativo e judiciário para manter benefícios as instituições católicas, a exemplo, investimentos públicos a hospitais, escolas, e outras obras sociais administradas por organismos católicos, e ainda impedir o avanço de outros credos e instituições religiosas (vale ressaltar que terreiros de umbanda e centros espíritas tinham dificuldades de funcionamentos autorizados por serem taxados de curandeiros ou charlatões).

Ao longo do século XX, o perfil religioso do brasileiro optaram por outros credos ou também não terem

## A utopia útil: desconcentração da riqueza e regulação dos mercados



Crise e pandemia, com os ricos se tornando ainda mais opulentos e os pobres, mais miseráveis, trazem de volta a discussão: há salvação para o capitalismo?

Após oito anos do lançamento do livro "O capitalismo no século 21", do economista francês Thomas Piketty, desmascarando estatisticamente o distanciamento abissal entre pobres e ricos, o tema continua em destaque. Mais que isso, passou a figurar nos fóruns de discussão acadêmicos e políticos, sob forte resistência dos principais interessados em manter esta dinâmica perversa da sociedade.

À época, o tema mereceu até mesmo discurso inflamado do líder maior da célula materna do capitalismo, Barack Obama, que chamou a atenção do mundo para a realidade nua, de que quase 50% da riqueza do planeta está concentrada nas mãos de apenas 1% dos cidadãos mais privilegiados da civilização contemporânea. Esta realidade tornou-se ainda mais aparente neste momento de crise da pandemia da covid-19, quando ricos se tornaram ainda mais opulentos e os pobres, ainda mais miseráveis.

Os estudos das questões pertinentes à distribuição de renda, ao crescimento das principais economias do mundo e sobre as engenharias tributárias praticadas pelos Estados modernos tornaram-se a coqueluche dos economistas. É como se houvesse um grande esforço para diagnosticar a principal doença do sistema, que todos já sabiam – como ironiza o professor Luiz Gonzaga Belluzo – de que o cantado e decantado capitalismo é, por excelência, concentrador.

Está claro que a famosa lei defendida pelos teóricos liberais, da "mão invisível do mercado" como premissa para conter o espírito animal dos capitalistas, não foi eficiente para evitar a expropriação aguda da classe economicamente mais vulnerável em favor de uma pequena elite detentora da riqueza global.

Ao contrário do que acreditavam os pais da economia clássica David Ricardo, Adam Smith, Thomas Malthus e seus seguidores, o benefício da partilha dos bens de uso e de consumo a que teriam direito os cidadãos comuns, no longo prazo, frustrou até o mais otimista pelo modelo. O distanciamento entre ricos e pobres tem se revelado como um dos principais sintomas de crises ao longo da história do sistema.

Esse novo momento de reflexão teórica tem o mérito de forçar uma leitura mais acurada das lições de Karl Marx, sobretudo para aqueles que pretendem entender a dinâmica do capital. É fato que nenhum economista, por mais brilhante que se faça parecer, tenha sequer se aproximado da profundidade dos estudos de Marx sobre as contradições intrínsecas do sistema capitalista. Estas foram didaticamente demonstradas por ele e por Friedrich Engels (cujo bicentenário de vida celebramos este ano), com a edição de "O Capital", há mais de um século e meio.

A discussão chama também à pauta um outra personagem que se destacou por ser o primeiro economista capitalista a tecer duras críticas ao sistema. John Maynard Keynes expôs o seu desejo de extermínio – por eutanásia – dos rentistas improdutivos e tentou apresentar uma nova dinâmica de lucro para o capital, na sua Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Renda, de 1937.

Por caminhos e convicções diferentes, três referenciais teóricos do capitalismo chegam a conclusões muito próximas e complementares: Marx comprovou que não há salvação para a humanidade nos marcos do capitalismo, por tratar-se de interesses inconciliáveis entre capital e trabalho; Keynes considerou que não há salvação para o capitalismo sem se livrar da especulação financeira, por tratar de interesse inconciliável com o capital produtivo.

Agora, a terceira via, o "capital no século 21", alerta que a sobrevivência do sistema capitalista depende urgente e necessária desconcentração da riqueza e de uma rigorosa da regulação dos mercados.

**Antônio Bráulio de Carvalho**

## 14 - Dia de São Valentim

Mais romântico do que o amor que está no ar nesta altura é a origem dessa comemoração, a mais romântica do ano.

O Dia dos namorados é celebrado no dia da morte de um bispo chamado Valentim.

São Valentim foi morto a mando do imperador que havia proibido casamentos, pois o mesmo alegava que os homens solteiros tinham melhor desempenho nas batalhas.

Valentim, no entanto, desobedeceu as ordens imperiais e celebrava casamento às escondidas.

Diversos países do mundo, tal como Portugal, Espanha e Argentina, comemoram o Dia dos namorados no Dia de São Valentim. Nesse dia, além da troca de presentes, os namorados costumam sair para jantar e preparar surpresas um para o outro. No Brasil, os casais celebram o amor na véspera de Santo António, popularmente conhecido como santo casamenteiro.

Origem do Dia dos Namorados

A história do Dia de São Valentim remonta ao século III d.c. O Imperador romano Cláudio II proibiu os casamentos, pois acreditava que os combatentes solteiros tinham melhor desempenho nas batalhas.

Um bispo da época, de nome Valentim, desrespeitou este decreto imperial, realizando casamentos. O segredo foi descoberto e Valentim foi preso, torturado e condenado à morte.

Executado no dia 14 de Fevereiro do ano de 269, a data deu origem ao dia dos namorados.

Antes de morrer, porém, Valentim conseguiu enviar e receber algumas cartas ainda na cela, o que originou a troca de cartões, os chamados "valentines".

Segunda a lenda, enquanto estava preso, Valentim teria se apaixonado pela filha do carcereiro que era cega e, por milagre, a moça ficou curada da cegueira.

Callendar



## 20 - Dia Mundial da Justiça Social



Esta data é de extrema importância para ajudar a fortalecer a luta contra a pobreza, exclusão, preconceito e desemprego, em busca do desenvolvimento social dos países.

saudável entre as nações, eliminando barreiras do preconceito, seja por motivos de raça, etnia, religião, idade ou cultura, por exemplo.

A data foi criada pela Organização das Nações Unidas – ONU, em 26 de novembro de 2007, de acordo com a Resolução A/RES/62/10, sendo comemorada pela primeira vez em 2009. O Dia Mundial da Justiça Social foi criado como um reforço para o estabelecimento das metas propostas pela ONU na Cimeira Mundial do Desenvolvimento Social, em 1995, Cúpula Social de Copenhague e na Cúpula do Milênio, entre outros fóruns da Organização.

Entre as principais ações a serem atingidas com esta iniciativa está a eliminação da pobreza, o bem-estar da população e o fim de qualquer tipo de discriminação dentro da sociedade.

Callendar

Alcançar a justiça social significa promover uma convivência pacífica e

# A hora do Grande Reset



Nem a Ciência pode nos salvar da barbárie ultraliberal. Sobreviver como espécie exigirá uma “reencarnação coletiva” no mundo pós-pandemia: novas formas de viver, pensar e organizar a Economia. É isso, ou nostalgia masoquista

Nunca imaginamos isso. Ninguém imaginou. E ainda parece um pesadelo do qual vamos acordar ao amanhecer. É claro que, algum dia, vai acabar. Quanto mais nos ajudarmos entre todos, mais cedo vai acabar. E isso inclui todos aqueles que tiram proveito da tragédia em prol de seus interesses. Deixemos de lado nossas diferenças, já já acertaremos as contas.

Nunca tínhamos enfrentado uma ameaça do tipo, nem sequer com a gripe de 1918, porque, hoje em dia, a globalização e a trama de economias, culturas e pessoas têm uma repercussão em tempo real para qualquer barbaridade cometida em qualquer canto do planeta, como aconteceu com os mercados de espécies selvagens. Humanos predadores, se protejam de vocês mesmos. Nem nossos extraordinários avanços científicos e tecnológicos conseguem nos salvar da nossa imensa estupidez. Por isso, se sobrevivermos, não voltaremos ao mesmo. E, se voltarmos, a pandemia vai retornar, a mesma ou outras, até que ocorra um reset daquilo que éramos.

Só existe futuro se pensarmos numa reencarnação coletiva da nossa espécie. Isso não tem nada a ver com o mofado debate ideológico entre capitalismo e socialismo, porque até o socialis-

mo real e palpável também já teve sua vez. Falamos em mudança de paradigmas. E algo do tipo está acontecendo. Por exemplo, essa pandemia deve deixar claro que a saúde, incluindo a higiene pública e a saúde preventiva, é nossa infraestrutura de vida. E que não vamos poder viver apoiados de forma permanente no heroísmo de profissionais da saúde, que adoecem dia após dia por falta de equipamentos de proteção.

Teremos de investir, com prioridade, na saúde pública, porque a particular serve para aquele que serve — e, em situações de emergência, deve ser absorvida pela pública. Esse investimento é quantitativo e qualitativo, em termos de materiais, aparelhos hospitalares, atenção primária, educação à população, pesquisa, remuneração dos sanitaristas e formação de médicos, enfermeiros e profissionais da saúde, de modo geral, com faculdades e escolas melhor preparadas para acolher um grande leque de vocações para o serviço

Fica evidente, agora, para além do sistema de saúde, a necessária prioridade do setor público na organização da economia e da sociedade. E não se trata de estatizar, porque cada fórmula de defesa do interesse público deve se adaptar às características de cada sociedade. Da mesma forma que a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial exigiram romper com o fundamentalismo do mercado para proteger os direitos sociais e a vida, de modo geral, mas conservando o dinamismo do mercado para tudo o que é útil. Da mesma forma, torna-se necessário revitalizar o setor público e reformá-lo, livrando-o da burocracia e da politicagem.

Por exemplo, pudemos constatar a hipocrisia social e institucional no âmbito do respeito aos idosos, que são abandonados em situações extremamente precárias quando as famílias não conseguem mais tomar conta deles. Em parte, pela privatização das casas de repouso, o que demonstra que a lógica de ambição não combina com cuidados que são caros em funcionários e equipamentos. Mas, também, nas casas de repouso públicas, pois os cortes orçamentários e a negligência de muitas instituições acabaram abandonando nossos idosos à sua própria sorte, como vimos no altíssimo número de mortes registradas nesses autênticos campos de extermí-

nio, durante a pandemia. Somente uma grande intervenção — não somente em gastos, mas em gestão — pode evitar que isso ocorra novamente.

A pergunta imediata é: como pagar. É evidente que com novos impostos e com um aumento da produtividade. Não temos outra opção. Mas isso não quer dizer mais impostos para as pessoas, e sim, obter recursos lá onde se concentra o 75% da riqueza mundial, isto é, dos mercados financeiros globais e as grandes multinacionais que evadem impostos legalmente, precisamente, graças à sua mobilidade fiscal e administração da papelada jurídica. Aplicando, também, o aumento da produtividade, que envolve recursos humanos, isto é, setor público; ciência (de novo, setor público); infraestrutura tecnológica (parcerias público-privadas); e a transformação empresarial por meio da aplicação de novos conhecimentos e tecnologia na gestão das empresas. Além disso, deve-se adentrar o complexo território da produtividade e eficiência do setor produtivo, desde a administração, até a educação.

Porém, o maior reset, é aquele que está acontecendo em nossas cabeças e vidas. É termos percebido a fragilidade de tudo o que acreditávamos garantido, da importância dos afetos, do recurso da solidariedade, da importância do abraço — e que ninguém vai nos tirar, porque mais vale morrer abraçados do que viver atemorizados. É sentir que o desperdício consumista no qual gastamos erroneamente nossos recursos não é necessário, pois não precisamos mais do que uns comes e bebes com os amigos na varanda. Sabiam que as escandalosas transfêrências multimilionárias do mundo do futebol acabaram? E não por isso os Messi do mundo vão parar de jogar, porque o futebol corre pelas veias deles.

O reset necessário é um portal para uma nova forma de vida, outra cultura, outra economia. É bom que o valorizemos, pois a alternativa a ele é a nostalgia masoquista de um mundo que se foi para não voltar. A vida segue, mas outra vida. Depende de nós torná-la maravilhosa.

**Manuel Castells**

## 20 - Dia Nacional de Combate Drogas e Alcoolismo

Todos os anos, o Ministério da Saúde destaca o dia 20/02 como o dia nacional de Combate às Drogas e Alcoolismo.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que a dependência em drogas lícitas ou ilícitas é uma doença. O uso indevido de substâncias como álcool, cigarro, maconha, crack e cocaína é um problema de saúde pública de ordem internacional que preocupa nações do mundo inteiro, pois afeta valores culturais, sociais, econômicos e políticos.

O alcoolismo é uma doença crônica, com aspectos comportamentais e socioeconômicos, caracterizada pelo consumo compulsivo de álcool, na qual o usuário se torna progressivamente tolerante à intoxicação produzida pela droga e desenvolve sinais e sintomas de abstinência, quando a mesma é retirada. Outros fatores podem estar associados: ansiedade, angústia, insegurança, fácil acesso ao álcool e condições culturais

Todo cuidado é pouco, principalmente no caso de adolescentes (link is external) e crianças. Aí está a importância de levar informação sobre os riscos relacionados ao consumo destas substâncias em excesso.

No dia, instituições de ensino e saúde fazem ações para que a sociedade se mobilize e se conscientize, principalmente o público jovem. A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) lançou o Guia Prático de Orientação sobre o impacto das bebidas alcoólicas para a saúde da criança e do adolescente, onde revela que a ingestão precoce de bebidas alcoólicas é a

principal causa de morte de jovens de 15 a 24 anos.

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 5% da população mundial, entre 15 e 64 anos, utiliza drogas ilícitas. A dependência de drogas e álcool já é considerada uma doença, pela OMS, e vem adquirindo proporções tão graves que tem se tornado um problema de saúde pública mundial muito discutido.

**Prevenção**

É difícil convencer alguém a não fazer algo que lhe dê prazer, a droga e o álcool antes de qualquer outra coisa oferecem prazer imediato, e é exatamente por causarem dependência física, psicológica e síndrome de abstinência que são de difícil tratamento. A maioria dos jovens são mais informados sobre drogas do que os próprios pais, mesmo quando não são usuários. Portanto, a prevenção ao uso de drogas começa muito antes.

As ações de prevenção devem ser planejadas e direcionadas para o desenvolvimento humano, o incentivo à educação, o acesso aos bens culturais, incluindo prática de esportes, cultura, lazer e a socialização do conhecimento sobre drogas, com embasamento científico.

Quem necessita de tratamento devido ao abuso de álcool e outras drogas pode contar com a ajuda nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e dos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas III (CAPS AD 24 horas).

O atendimento conta com equipes compostas por médico psiquiatra, clínico geral, psicólogos, dentre outros.

# Competição, paradigma obsoleto.



Há cinco séculos, ele é hegemônico — pois está no centro das lógicas capitalistas. Mas, num mundo movido pelo conhecimento, tolhe a inovação, que exige colaborar e compartilhar. O velho modelo só resiste apoiado na força. Até quando?

O ar é abundante. A competição foi um requisito evolutivo para os seres humanos, levando em consideração que não havia suficientes recursos para todos (a escassez). Thomas Malthus e Charles Darwin acreditavam que isso fazia parte da “sobrevivência do mais forte” da humanidade. Se a humanidade realmente estivesse de acordo com essa teoria, médicos, hospitais, remédios e instituições de caridade não seriam necessários.

O paradigma da escassez foi verdadeiro por um longo período de tempo. Buckminster Fuller acreditava que esse paradigma da escassez foi quebrado entre 1970 e 1990.

Não existindo mais a escassez, ainda assim é necessária a concorrência?

Com a população crescendo constantemente, como é possível passar de um cenário de escassez para um de abundância?

De uma perspectiva científica, a quantidade de elementos permanece sempre a mesma (pense na tabela periódica) no planeta Terra. A Terra é principalmente o que se chama de “sistema fechado” ou “economia circular”. Nada diminui ou aumenta de fato. O mundo tem hoje os mesmos elementos de 1 milhão de anos atrás.

Na verdade, o que mudou ao longo da história é a capacidade do ser humano de transformar esses elementos em tecnologia para gerar e dar suporte a essa abundância. Acreditamos que esse “conhecimento” seja a verdadeira riqueza do planeta.

E se essa é nossa verdadeira riqueza, então precisamos pensar em maneiras de compartilhá-la. A competição não tolera o compartilhamento. A concorrência sugere que há escassez e, portanto, apoia uma mentalidade

## 21 - Dia Internacional da Língua Materna

O Dia Internacional da Língua Materna é celebrado anualmente em 21 de fevereiro em todo o planeta.

Criada pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em 17 de novembro de 1999, o Dia Internacional da Língua Materna tem o objetivo de promover a diversidade linguística e cultura entre as diferentes nações.

Além disso, esta data também convida a todos os países membros da UNESCO e suas matrizes a refletirem sobre a preservação das particularidades linguísticas e culturais de cada sociedade.

Origem do Dia Internacional da Língua Materna

A ideia para proclamar um dia dedicado à língua materna surgiu a partir do Dia do Movimento da Língua, criado em 1952 e celebrado desde então em Bangladesh.

Um grupo de estudantes organizaram uma campanha para incluir o bengalês como uma das línguas oficiais do Paquistão, em 21 de fevereiro de 1952. No entanto, acabaram sendo todos assassinados por forças policiais, que atearam fogo em seus corpos.

Este movimento em prol da inclusão do bengalês começou quando Muhammad Ali Jinnah, general paquistanês, declarou que o idioma Urdu passaria a valer como língua oficial tanto no Paquistão do Oeste, como no Leste (local que tinha como língua principal o bengali).

de escassez.

A história já demonstrou que o “bolo” não tem um tamanho fixo. Nosso conhecimento, nosso “know-how”, altera o tamanho do bolo, mesmo diante do rápido crescimento populacional.

Gostamos de enxergar o mundo como uma grande casa. Há muitas tarefas que precisam ser feitas. Se este fosse sua família, você faria todos os seus filhos competirem entre si ou faria com que trabalhassem juntos? Você preferiria que eles compartilhassem com seus irmãos a melhor maneira de fazer as coisas ou que eles guardassem seus conhecimentos para si?

Buckminster Fuller identificou que o mundo está passando por um processo chamado efemerização — e nos mostrou isso. O processo consiste em “fazer cada vez mais, com cada vez menos”. Ele também criou a afirmação contra-intuitiva: “compartilhar é ter mais”.

Se concordamos que a efemerização está acontecendo, então é preciso entender que o compartilhamento dos nossos saberes criará “mais”, já que ele acelera a possibilidade de fazer mais com menos.

É um equívoco comum acreditar que a concorrência cria inovação. O que cria inovação é o pensar e fazer — não a competição. A questão é: a concorrência maximiza os pensamentos e ações? A competição é um motivador extrínseco, fictício. As pessoas fazem poucas coisas por razões extrínsecas; mas elas fazem qualquer coisa pelas razões intrínsecas.

Se houvesse uma escala variável entre competição e cooperação, veríamos que a humanidade está muito mais próxima (talvez 95%) da cooperação. Se pararmos para refletir em tudo o que utilizamos para tomar o café da manhã, veremos que 99,999% do trabalho é realizado por outras pessoas (a torradeira, os pães, os cereais, a eletricidade, etc.). Se tivéssemos que criar nossa própria torradeira do zero, sem cooperação, isso iria requerer o trabalho de uma vida inteira — e ainda duvido que seria o suficiente.

Empurrar o limite, para obter os 5% que faltam na escala, terá um impacto, para a humanidade e o planeta, maior do que os 95% anteriores. Por que isso? Porque os 95% anteriores vieram de forma inconsciente, enquanto que estes últimos 5% exigirão ação consciente. Será necessária, dos cidadãos globais, uma visão holística do mundo e dos problemas que viermos a enfrentar. Remoção as barreiras soberanas e os conflitos entre nações, transformar as teorias educacionais e da economia fazem parte desses 5% finais. Também precisaremos não só de uma aceitação das diferenças culturais e religiosas, mas de um profundo senso de gratidão por toda essa diversidade (humana e não humana).

Tudo indica que a concorrência não é mais uma opção saudável para nosso mundo abundante. Quando Buckminster Fuller nos mostrou que “compartilhar é ter mais”, enxergamos a Terra como um todo, sem fronteiras e sem divisões...

**Michel Bauwesn**

## 24 - Promulgação da Primeira Constituição

A Promulgação da Primeira Constituição Republicana do Brasil é celebrada no dia 24 de fevereiro.

Esta data marca a Constituição de 1891, a primeira do Brasil como uma República. A Primeira Constituição Monárquica do país havia sido outorgada por D. Pedro I em 1824.

A Constituição de 1891 foi criada a partir da assembleia constituinte, a qual foi convocada na Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. Entre os principais destaques desta Constituição está a definição da escolha da figura do presidente da República através de votos diretos, sendo que as eleições para este cargo deveriam ocorrer a cada intervalo de 4 anos.

A partir desta Constituição o Brasil passou a ser um país oficialmente “democrático”, visto que as principais decisões políticas passaram a estar nas mãos dos cidadãos.

No entanto, mesmo o voto passando a ser direto e universal, ainda existiam muitas segregações entre quem podia participar das eleições. Por exemplo, mendigos, analfabetos e mulheres não tinham direito a votar.

Além disso, destaca-se a criação dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, bem como a separação entre Estado e Igreja. Acresce a liberdade de culto para as outras religiões além da católica.

A constituição de 1891 foi alterada em 1926.

# Elogio da desorganização e do imprevisto



Se o instituído e o normal produzem desigualdade, dor e medo é, preciso buscar o ainda incerto. Cada ordem explícita contém uma desordem cruel e oculta. Sem desorganizar, persistiremos na injustiça, no desperdício e na irrelevância

O mundo está repleto de organizações que institucionalizam consensos mais ou menos democráticos, ou valores mais ou menos impostos. Grande parte de sua atividade é voltada à produção e reprodução de práticas e argumentos que fortalecem seus princípios constitutivos e aumentam sua legitimidade social. Consequentemente, todas elas seguem um padrão que é resultado de casamentos inovadores entre as questões do conhecimento e as do poder. Todas essas instituições, também chamadas de disciplinares, como a escola, o museu, a academia, a igreja, o hospital — e, para muitos, a mídia, a arte e a ciência — são os pilares sobre os quais nosso mundo se baseia. Um mundo que, no entanto, não se cansa de produzir exclusão, dor, doenças, desigualdade e pânico. Muitas pessoas não estão felizes e começam a buscar outras conexões, a fazer perguntas diferentes ou procurar novas proporções. Muitas pessoas apostam na desorganização.

Novamente: a ordem é construída — e só aparece para aqueles que compartilham do mesmo sistema de valores, o qual sustenta a suposta consistência, harmonia ou simetria que garantem nosso mundo. Entretanto, a mais mínima mudança de olhar pode desfigurar, desfocar ou perturbar o equilíbrio. São nossos monstros! Mas nem todo mundo vive com medo, nem teme as mesmas coisas. Será que podemos viver sem monstros?

O espanto é — ou deveria ser — um gesto comum. Porém, o comum não deveria ser sinônimo de incidental, periférico, colateral, insignificante e, muito menos, desestabilizador ou disruptivo. Dia após dia, atestamos que não é nada disso. Cada geração, cada cultura, cada corpo ou cada localidade encontra sentido em comportamentos, práticas ou protocolos diferentes. Não há nada de radical em afirmar que aquilo que chamamos de valores também é transferido para os objetos, dispositivos ou tecnologias que nos cercam. Projetar, em outras palavras, não é mais que imaginar coisas que as pessoas desejem ter, experimentar ou sentir. Definitivamente, projetar é algo que todos fazemos de forma espontânea, natural e

## 24 - Dia da Conquista do Voto Feminino no Brasil

Em 24 de fevereiro de 1932 o Código Eleitoral passou a assegurar às mulheres brasileiras o direito ao voto.

Quem acompanha a importância da luta das mulheres por direitos e o quanto essa discussão tem espaço nos dias atuais muitas vezes não imagina quão recentes são algumas das conquistas para o gênero feminino do ponto de vista histórico. Há apenas 88 anos, as mulheres nem sequer participavam da vida política do país, uma vez que eram proibidas de votar.

Somente em 24 de fevereiro de 1932, o Código Eleitoral passou a assegurar o voto feminino; todavia, esse direito era concedido apenas a mulheres casadas, com autorização dos maridos, e para viúvas com renda própria. Essas limitações deixaram de existir apenas em 1934, quando o voto feminino passou a ser previsto na Constituição Federal.

Mulheres pioneiras

Antes mesmo de 1932, documentos históricos apontam que a professora

constante.

O chamado design thinking, agora tão repetido e cacofônico, seria vulgar se não fosse o fato de poder ser praticado ao contrário. E assim, de um mantra passamos a um enigma: do “todos somos formados por meio de valores”, para o “quais valores estão embutidos em cada uma dessas formações?”. E nesse ponto é que as coisas tornam-se muito problemáticas, porque inúmeras vezes assumimos certos processos, princípios ou protocolos como inevitáveis, sábios ou eficientes — sendo que muitos nada mais são do que o resultado de uma adaptação oportunista a algum lugar, tempo, cultura ou crença. Basta acrescentarmos o componente institucional para perceber a gravidade da questão, pois certamente as coisas acabam sendo o que são porque conseguiram fixar-se em nosso imaginário, nossos manuais e padrões como formas comprovadas, exigidas, naturalizadas e, finalmente, inevitáveis e impostas.

Cada mudança implica, portanto, a alteração de estruturas produtivas, jurídicas ou afetivas que antes pareciam estabelecidas de maneira sólida. Os livros de História nos contam essas coisas, embora, muitas vezes, apenas notem as grandes revoluções, as grandes culturas, os grandes autores. Tudo o que é maiúsculo e épico. Cansados dessas histórias ostentosas, em algumas faculdades de humanidades, escolas de negócios e institutos tecnológicos, narram-se outros contos, outras histórias: relatos do pequeno, mas que explicam como pequenas modificações promoveram aberturas para o improvável, o imprevisto e até o impossível. Nada nos impede de aprender com essas histórias.

Dessa maneira, podemos tomar um objeto, um problema, um processo, uma estrutura, um sistema ou qualquer outra composição e expô-la ao cruzamento do olhar de perspectivas mutuamente discrepantes. Posicionamos o objeto equidistante das ignorâncias de cada um dos participantes. Vamos criar um objeto-fronteira. Tomando cuidado para que ninguém se sinta preferencialmente localizado para assim compreendê-lo melhor. Vamos experimentar a força que flui dessa instabilidade. Encorajando a dissidência total. Tornemos explícitas as divergências conceituais.

Apontemos para o fluxo de preconceitos que não comentávamos. Vamos lutar contra o consenso funcional. Vamos enfrentar o desvio à normalidade com que cada interlocutor evita a complexidade. Vamos explicar os riscos inerentes a cada simplificação. Façamos filosofia de garagem, pratiquemos a cultura hacker, implantemos a imaginação crítica, valorizemos a aura do colateral, apreciemos o colorido do mestiço. Vamos fazer um projeto ácido, assim como fazem romances noir; e ficção humanística, como se fizéssemos ficção científica.

A promessa de desorganização ainda está para ser descoberta e é um continente a ser explorado. Para inovar, é preciso desorganizar: desburocratizar, descentralizar ou desierarquizar. São tarefas urgentes se quisermos acabar com o muito desperdício, muita ineficiência e, é claro, muita assimetria. As coisas são como são porque algo e alguém lhes dão apoio. Desde quando? Para que? Com quais aliados, por meio de quais tecnologias, de quais valores? Em suma, a organização é culpada tanto pelo melhor, como pelo pior. É fruto da simplificação, exclusão e institucionalização. Cada ordem explícita contém em si uma forma cruel e perversa de desordem implícita. Não desorganizar nos condena à injustiça, ao desperdício e à irrelevância.

**Antonio Lafuente**

Celina Guimarães foi a primeira eleitora brasileira. Celina requereu sua inclusão no rol de eleitores do município de Mossoró (RN), onde nasceu, em 1927, após a entrada em vigor da Lei Estadual nº 660, de 25 de outubro daquele ano, que tornava o Rio Grande do Norte o primeiro estado a estabelecer a não distinção de sexo para o exercício do voto.

A inscrição eleitoral de Celina repercutiu mundialmente, por se tratar não só da primeira eleitora do Brasil como também da América Latina.

Já a primeira prefeita do país foi Alzira Soriano, eleita para comandar a cidade de Lajes (RN), com 60% dos votos. Tomou posse no cargo em 1º de janeiro de 1929. Em sua administração, promoveu a construção de estradas, mercados públicos municipais e a melhoria da iluminação pública. Com a Revolução de 1930, perdeu o mandato por não concordar com o governo de Getúlio Vargas.

A responsável pela indicação de Alzira como candidata à Prefeitura de Lajes foi a advogada feminista Bertha Lutz, que representou o movimento feminista na Comissão Elaboradora do Anteprojeto da Constituição de 1934.

# Gazeta Valeparaibana



## Sobre a pressa e outros demônios

Tudo é para agora — e, assim, processos, lutos, ideias e até futuros são encurtados. Esse ritmo frenético gerou uma “sociedade do cansaço” e impossibilita o verdadeiro encontro. Mas e se nos libertarmos do tempo para exercitar a lentidão?

### DESCOLONIZAÇÕES

– São as crianças que sabem o que procuram – disse o príncipezinho – Perdem tempo com uma boneca de pano, e choram quando elas lhes é tomada...

– Elas são felizes – Disse o manobreiro.

O tempo urge; tempo é dinheiro... Não há tempo a perder – Eis os jargões de nosso tempo!

Somos constantemente confrontados a não perdermos tempos, vivemos apressados, correndo, corações acelerados... Acabrunhados por trabalhos que nos privam de nós mesmos, por mil e uma atividades, por agendas intermináveis e compromissos infinitos.

Já não respeitamos o ritmo biológico e natural, o ritmo da vida, da nossa própria vida e da vida dos outros seres com as quais nos relacionamos. Assim é que utilizamos, cada vez mais, hormônios e outros produtos visando acelerar o crescimento de animais e plantas, utilizados para consumo humano; criamos medicamentos para abreviarmos a vivência do luto; e, como já denunciado pelo filósofo alemão Hans Jonas, nossas técnicas têm nos possibilitado antecipar e, esgotar, no presente, o nosso futuro e o futuro das gerações vindouras, numa voracidade sem limites que coloca em risco o direito das próximas gerações aos recursos naturais necessários à manutenção da vida (ar, água, fauna, flora, solo etc.).

Recentemente o filósofo Sul-coreano Byung-Chul Han denunciou a pressa que caracteriza nossas sociedades contemporâneas, por ele denominadas “sociedades do cansaço” que têm produzido seres humanos esgotados, cansados, depressivos. Para Han (2017, p. 91), o depressivo é um “sujeito esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo. [...] Desgasta-se correndo numa roda de hamster que gira cada vez mais rápida ao redor de si mesma”.

Em 1969, Paulinho da Viola compôs a música “Sinal Fechado” na qual retrata a fugacidade dos encontros humanos, como traço que marca as sociedades industriais e que ganha contornos inéditos nas sociedades pós-industriais, nas quais, como lembra Han, somos constantemente convocados a ultrapassarmos nossos limites, na perspectiva de um sucesso profissional lançado ao infinito.

Interessante que logo no início da música, os interlocutores (no sinal fechado) pontuam: “vou indo correndo pegar meu lugar no futuro” ou “em busca de um sono tranquilo” e diante da pressa que impossibilita o verdadeiro encontro, um dos interlocutores dá um passo em direção a uma certa responsabilização, chegando a pedir perdão (“me perdoe a pressa”), mas, logo voltando atrás e apresentando uma justificativa para o não encontro, já que, se há pressa, esta é ditada pela “alma dos nossos negócios”, isto é, não tem relação com nossas escolhas e opções, mas é culpa do sistema, dos “nossos negócios”.

Precisamos parar, libertarmos o tempo, exercitarmos a lentidão, como nos convida o teólogo português José Tolentino de Mendonça, em livro publicado no Brasil, também em 2017. Para o teólogo, vivemos sob o signo da pressa e assim “passamos pelas coisas sem as habitar, falamos com os outros sem os ouvir [como bem exemplifica a música de Paulinho da Viola], juntamos informações que nunca chegamos a aprofundar” e, assim vivendo, nessa velocidade toda, acabamos impedidos(as) de viver... Como não lembrar do preceito bíblico “quem quiser salvar sua vida, vai perdê-la” (Mateus, 15:25).

Que tenhamos a coragem e a ousadia de aproveitarmos o tempo que nos resta para refletirmos sobre os encontros que perdemos (com nós mesmos(as), com os outros, com o mundo, enfim com a vida), sobre o que deixamos para trás quando, ainda nas palavras do teólogo já citado, “permitimos que a aceleração nos condicione desse modo” (MENDONÇA, 2017, p. 20).

Que possamos nos reconciliar com o tempo, para podermos nos reconciliarmos conosco, com os outros, com o planeta e, em suma, com a vida, inclusive em sua dimensão transcendental.

**Marcelo Saturnino da Silva**

## 27 - Dia do Livro Didático



O Dia Nacional do Livro Didático é comemorado anualmente em 27 de fevereiro, no Brasil.

Esta data homenageia uma das ferramentas essenciais para a formação educacional dos alunos: o livro didático.

O livro didático reúne as informações que o aluno necessita para ajudar a desenvolver o seu conhecimento, em todas as etapas da educação – desde o ensino fundamental até os superiores.

Os livros didáticos também são muito importantes para orientar os educadores (professores), no processo de ensino e aprendizagem.

Desde 1985, o Brasil mantém o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que fornece todos os livros didáticos para os alunos das redes públicas de ensino de todo o país.

No entanto, a trajetória do livro didático no Brasil começou em 1929, com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), órgão com a função específica de legislar esta área no país.

No Brasil, a literatura ganha outro dia de destaque em 29 de outubro, onde se comemora o Dia Nacional do Livro.

### Atividades para o Dia Nacional do Livro Didático

Nesta data, educadores e alunos podem participar de diversas atividades em conjunto, que ajudam a conscientizar sobre a importância do livro didático no processo de educação e ensino.

Faça marcadores de livros com seus alunos;

Faça capas protetoras de livros com seus alunos, reforçando a ideia de preservar muito bem o livro para ser reaproveitado por outros estudantes no futuro;

Faça ou promova uma redação sobre a importância do livro didático para o processo educativo.



Pouco mais da metade do país tem hábitos de leitura: 52%, segundo pesquisa 'Retratos da leitura no Brasil'. 'Bíblia' e livros religiosos dominam preferência. ... Apenas pouco mais da metade dos brasileiros tem hábitos de leitura: 52% (ou 100,1 milhões de pessoas)